A Morte de Ivan Ilitch

Liev Tolstói

Tradução:
Marques Rebelo

Título do original:
Smiel Ivana Ilbitcha

I

No palácio da justiça, que era um grande edifício, durante uma pausa no julgamento do processo movido contra a família Melvinski, os juizes e o promotor se reuniram no gabinete de Ivan Iegórovitch Chebek e a conversação recaiu sobre a famosa questão Krassov. Fiódor Vassílievitch sustentava calorosamente a incompetência do tribunal, Ivan Iegórovitch mantinha ponto de vista contrário e Piotr Ivánovitch, que fugira à discussão, passava ligeiramente os olhos pelas páginas do jornal que acabavam de lhe trazer. De repente, disse:

— Meus senhores, morreu Ivan Ilitch!

— Como assim?

— Aqui está. Pode ler — respondeu, e pôs nas mãos de Fiódor Vassílievitch o jornal, que cheirava a tinta fresca. Cercado por uma tarja, publicava-se o seguinte anúncio:

"Praskóvia Fiódorovna Golovina tem o profundo pesar de comunicar, a seus parentes e amigos, o falecimento do seu querido esposo, o juiz Ivan Ilitch Golovin, ocorrido a 4 de fevereiro de 1882. O féretro sairá sexta-feira, à uma hora da tarde".

Ivan Ilitch era colega dos cavalheiros ali presentes e muito estimado por todos. Há várias semanas encontrava-se enfermo e era voz corrente que não se restabeleceria. Não fora substituído, mas cogitava-se que a sua vaga pudesse ser preenchida por Alieksiéiev, e para o lugar deste fosse Vinikov ou Stabel. Assim sendo, ao tomarem conhecimento da morte do colega, o que primeiramente ocorreu a cada um foi a possibilidade própria ou dos amigos nas promoções e transferência que ela iria provocar.

"Seguramente ocuparei o lugar de Stabel ou Vinikov", pensou Fiódor Vassílievitch. "Há um bocado de tempo que me foi prometido, e a promoção representa um aumento de oitocentos rublos anuais, sem contar as custas."

"Tenho que aproveitar a ocasião e conseguir a transferência do meu cunhado de Kaluga para aqui", disse Piotr Ivánovitch de si para si. "Minha mulher ficará radiante. E não poderão mais me acusar de nada ter feito pelos parentes dela."

E, em voz alta, falou:

— Bem desconfiava eu que ele não se levantaria mais. É uma pena.

— Mas, afinal, o que é que ele teve?

— Os médicos não souberam diagnosticar. Melhor dito, cada um diagnosticou uma coisa. A última vez que eu o vi, deu-me a impressão de que estava melhor.

— Desde as festas que não ia à sua casa. Estava sempre pensando em visitá-lo.

— Ele tinha dinheiro?

— Acho que a mulher tem uns cobres. Mas não é nada para encher os olhos.

— Sim, teremos que ir lá. Mas eles moram longe como o diabo!

— Longe da sua casa, é o que pretende dizer. Mas tudo fica longe da sua casa.

— Eis aqui um que não me perdoa por morar na outra margem do rio — disse Piotr Ivánovitch sorrindo para Chebek.

E os dois, comentando as distâncias que separavam as várias zonas da cidade, voltaram à sala de sessões.

Além das considerações sobre as prováveis promoções e transferências que a morte de Ivan Ilitch acarretaria, a própria morte de pessoa tão próxima deles despertou, como de costume, em cada um dos membros do tribunal a tranqüilizadora sensação de que escapara.

"Ora, bem! Ele inorreu e eu estou vivo!", pensou ou sentiu cada qual. Quanto aos amigos mais chegados de Ivan Ilitch, os chamados íntimos, unânime e involuntariamente consideravam os aborrecidos deveres a cumprir — aconipanhar o enterro e fazer unia visita de pêsarnes à viúva.

Os mais ligados a ele eram Fiódor Vassílievitch e Piotr Ivánovitch. Piotr Ivánovitch fora seu colega na faculdade de direito e acreditava que tinha certas obrigações para com o finado.

Tendo, no correr do jantar, informado à mulher o falecimento de Ivan Ilitch e ainda tecido algumas considerações sobre a possibilidade que se abria de o irmão dela ser transferido, Piotr Ivánovitch sacrificou a habitual sesta e, adequadamente trajado, bateu para a residência do morto.

Defronte ao prédio estavam parados uma carruagem particular e dois fiacres. Na saleta de entrada, encostada à parede, junto do cabide, achava-se a tampa do caixão, forrada de gorgorão e com guarnições e galões dourados. Duas senhoras de luto tiravam seus casacos de pele. Uma, Piotr Ivánovitch conhecia — era irmã do extinto; a outra, nunca vira mais gorda. Schwarz, um colega de Piotr Ivánovitch, descia a escada e, ao

dar com o companheiro, piscou-lhe um olho, como que dizendo: "O que Ivan Ilitch fez foi uma grande tolice. Nós é que não caímos nessa".

O rosto de Schwarz, ornado de suíças à inglesa, e toda a sua magra figura, em traje de circunstância, expressavam a sua peculiar e solene elegância, e tal solenidade, contrastando com seu gênio folgazão, tinha ali, mais do que nunca, um pitoresco sabor. Assim, pelo menos, foi o que pareceu a Piotr Ivánovitch. E, tendo deixado as damas passarem na frente, subiu vagarosamente a escada. Schwarz não descera; esperara-o no patamar. Piotr Ivánovitch percebeu logo o que o retinha: queria combinar um lugar onde pudessem, mais tarde, jogar uma partidinha de uíste. As senhoras encaminharam-se para o aposento da viúva e Schwarz, com a boca compurigidamente contraída, mas o olhar trocista, fez ao amigo um sinal com as sobrancelhas, indicando, à direita, o quarto do defunto.

Como acontece com toda gente em tais ocasiões, Piotr IVánovitch entrou sem saber ao certo o que devia fazer. Mas uma coisa não ignorava: um sinal-da-cruz é sempre oportuno. Ficou, porém, em dúvida se deveria também se ajoelhar.

E, então, ao transpor a porta, apelou para um discreto meio-termo: persignou-se e inclinou ligeiramente a cabeça. Ao mesmo tempo, tanto quando o permitiam os movimentos da cabeça e do braço, deu uma vista-d'olhos no aposento.

Dois rapazes, um dos quais estudante, provavelmente sobrinhos do falecido, deixavam o quarto, após se persignarem.

Uma velha permanecia imóvel e uma senhora, de supercílios bizarramente espessos, cochichava-lhe algo. De sobrecasaca, um encorpado e enérgico chantre lia qualquer coisa em voz alta e com a expressão de quem não admitia a menor objeção. Na ponta dos pés, o camareiro Guerássim andava à volta do corpo de Ivan Ilitch, polvilhando o chão com uma certa substância, e, vendo tais manejos, Piotr Ivánovitch sentiu imediatamente um ligeiro cheiro de cadáver em decomposição. Quando da sua última visita a Ivan Ilitch, Piotr Ivánovitch vira aquele camareiro no escritório; desempenhava então as funções de enfermeiro e o doente demonstrava ter por ele uma especial estima.

Piotr Ivánovitch não cessava de fazer o sinal-da-cruz e de inclinar ligeiramente a cabeça, endereçando suas piedosas reverências indistintamente ao caixão, ao chantre e aos ícones colocados sobre a mesa, num canto do quarto. Depois, quando achou que já se persignara suficientemente, parou de fazê-lo e entrou a examinar o defunto.

Como é próprio dos mortos, aquele estava pesadamente espichado, os endurecidos membros afundados no forro do esquife, a cabeça para

sempre apoiada no travesseiro e mostrando a fronte de um amarelo de cera, as têmporas úmidas e cavadas e o nariz saliente, que parecia pesar sobre o lábio superior. Mudara consideravelmente, emagrecera ainda mais depois da última visita de Piotr Ivánovitch, mas, como é próprio dos mortos, o seu rosto ficara mais belo e, sobretudo, mais digno. No seu semblante lia-se que fora feito tudo quanto se devia fazer, e com a máxima correção. Além disso, parecia traduzir uma censura ou uma advertência aos que ficavam. E a lembrança se afigurou inconveniente a Piotr Ivánovitch, ou pelo menos pareceu não lhe dizer respeito. Sentiu-se um pouco constrangido e, mais uma vez fazendo um rápido sinal-da-cruz, virou-se e se encaminhou para a porta, com uma pressa que fugia as regras da decência, conforme ele mesmo considerou.

Schwarz aguardava-o, na sala contígua, as pernas abertas, as mãos atrás das costas, brincando com a cartola. Um simples olhar para a figura prazenteira, limpa e elegante do amigo refez Piotr Ivánovitch. Compreendeu, incontinenti, que Schwarz pairava acima daquelas coisas e não se entregava a impressões acabrunhantes. O simples aspecto dele dizia que o incidente do funeral de Ivan Ilitch não teria força bastante para alterar a ordem dos acontecimentos, isto é, nada o impediria de pegar o baralho, de noite, e embaralhar as cartas, enquanto um criado colocava quatro velas novas na mesa; em suma, não havia motivos para se supor que as exéquias iriam impedi-los de passar o serão agradavelmente, como sempre o faziam. E foi, aliás, o que ele sussurrou a Piotr Ivánovitch, convidando-o a participar duma partidinha em casa de Fiódor Vassílievitch.

Mas, segundo parece, o destino não traçara para Piotr Ivánovitch, naquela noite, um jogo de cartas. Praskóvia Fiódorovna, mulherzinha baixa e gorda, que engrossava da cintura para baixo, apesar de todos os esforços em contrário, inteiramente de negro, a cabeça coberta por um véu e as sobrancelhas extraordinariamente espessas, como as da senhora que se postava junto ao ataúde, saiu do seu quarto, acompanhada de outras mulheres, dirigiu-se para o aposento do marido e disse a elas:

— Façam o favor de entrar. A cerimônia fúnebre vai ser iniciada.

Schwarz dobrou-se levemente, mas não saiu do lugar, aparentemente sem aceitar ou recusar o convite. Reconhecendo Piotr Ivánovitch, a viúva deu um suspiro, aproximou-se e, pegando-lhe a mão, falou:

— Eu sei que o senhor era um grande amigo de Ivan Ilitch... — e, com os olhos postos no rosto dele, aguardou qualquer coisa correspondente às suas palavras.

Assim como não ignorara a conveniência do sinal da cruz, Piotr

Ivánovitch sabia que, naquele instante, devia apertar a mão da viúva e dizer suspirosamente: "Creia-me que"... Foi precisamente o que fez. E sentiu que obtivera o resultado desejado — ambos ficaram comovidos.

— Vamos, antes que comece a cerimônia. Preciso muito falar com o senhor — disse a viúva. — Dê-me o seu braço.

Piotr Ivánovitch ofereceu-lhe o braço e foram para o interior da casa, passando por Schwarz, que lançou ao amigo um olhar misto de compaixão e malícia, que assim poderia ser traduzido: "Lá se vai o nosso joguinho por água abaixo! Não reclame se arranjarmos outro parceiro. Se conseguir se livrar a tempo, poderemos talvez formar uma mesa de cinco..."

Piotr Ivánovitch suspirou ainda mais profunda e tristemente, e Praskóvia Fiódorovna apertou-lhe o braço com gratidão. Chegando à sala de visitas, forrada de cretone cor-de-rosa e que um fraco abajur mal iluminava, sentaram-se à mesa, ela num sofá, ele num pufe baixinho, cujas gastas molas se arriaram incomodamente com o seu peso.

Praskóvia Fiódorovna quisera avisá-lo que numa cadeira ficaria melhor, mas considerou que tais delicadezas não condiziam com o seu estado e mudou de idéia. Ao sentar-se, Piotr Ivánovitch recordou-se de que o próprio Ivan Ilitch cuidara da decoração da sala e até se aconselhara com ele a propósito daquele cretone cor-de-rosa com folhagens verdes. Ao passar rente à mesa para se instalar no sofá, e a sala era atulhada de móveis e quinquilharias, a mantilha da viúva prendeu-se na enfeitada borda da mesa. Piotr Ivánovitch soergueu-se para desprendê-la e as molas do pufe, libertas do seu peso, levantaram-se como a expulsá-lo. Praskóvia Fiódorovna providenciou ela mesma a sua libertação e ele tornou a se sentar, dominando o ímpeto das molas. Mas a viúva não conseguiu se livrar inteiramente, e Piotr Ivánovitch outra vez se levantou, favorecendo uma outra rebelião do pufe, que, desta feita, emitiu um estalido. Quando tudo, afinal, se normalizou, ela fez aparecer um alvíssimo lenço de cambraia e caiu em pranto. Mas o episódio da mantilha e a luta contra o pufe esfriaram os sentimentos de Piotr Ivánovitch, que ficou imóvel e carrancudo. A desagradável situação foi desfeita por Sokolov, mordomo de Ivan Ilitch, que vinha comunicar à patroa que o lote escolhido por ela no cemitério custaria duzentos rublos. Ela deu uma trégua aos soluços e, encarando Piotr Ivánovitch com olhos de vítima, disse em francês que era um preço demasiado forte para a sua bolsa. Ele, num gesto silencioso, deu a entender a sua funda convicção de que não podia ser de outra maneira.

— Por favor, fume — disse ela em tom magnânimo, mas quebrado por uma dose de sofrimento, E imediatamente pôs-se a falar com Sokolov sobre o preço do jazigo.

Piotr Ivánovitch acendeu o cigarro e acompanhou o minucioso interrogatório que ela fez, concernente ao preço dos diferentes lotes no cemitério, acabando por escolher aquele que melhor lhe convinha. Resolvida a questão, deu ela as instruções referentes aos cantores no funeral. E Sokolov retirou-se.

— Eu providencio tudo sozinha — disse a Piotr

Ivánovitch, afastando para um lado os álbuns espalhados sobre a mesa. E, notando que a cinza ameaçava sujar o tampo, empurrou sem demora um cinzeiro para o fumante: — Acho que seria uma verdadeira hipocrisia da minha parte furtar-me ao atendimento das coisas práticas. Pelo contrário, se alguma coisa pode, não digo me consolar, mas me distrair, será tomar a peito todas as providências relativas a ele.

Outra vez surgiu o lenço e ela ensaiou chorar, mas, de súbito, como se fizesse um extremo esforço para se dominar, começou a falar tranqüilamente:

— Tenho um caso muito sério para tratar com o senhor.

Piotr Ivánovitch inclinou-se, procurando evitar que as molas do pufe voltassem a desandar.

— Ele sofreu horrivelmente nos últimos dias.

— Mas foi tanto assim?

— Oh, nem pode imaginar! Foi terrível! Ficava gritando horas a fio. Os três últimos dias, passou-os gritando sem parar um minuto. Era insuportável! Não consigo compreender como agüentou tanto. Ouviam-se os seus gritos até nos fundos da casa. Oh, que sofrimento foi o meu!

— Mas será que ele tinha consciência de tudo?

— Sim. Plena consciência até o fim — murmurou ela.

— Uns quinze minutos antes de morrer, despediu-se de nós e pediu que levássemos Volódia dali.

A idéia do sofrimento daquele homem que conhecera tão de perto, primeiro na alegre meninice, depois como companheiro de escola, mais tarde como colega de tribunal e parceiro de jogo, horrorizou subitamente Piotr Ivánovitch, apesar da desagradável certeza do seu fingimento e do daquela mulher. Tornou a ver aquela fronte, aquele nariz que parecia pesar sobre o lábio superior, e sentiu medo.

"Três dias de horríveis sofrimentos e depois a morte! É coisa que pode acontecer a mim também, a qualquer momento", pensou, e se encheu de terror. Mas logo, e sem mesmo saber como, retornou-lhe o habitual discernimento:

"Aquilo acontecera a Ivan Ilitch e não a ele; não lhe teria acontecido, nem poderia acontecer, e pensar de outra maneira seria cair num desgraçado estado de espírito que se fazia premente evitar, como a fisionomia de Schwarz era o melhor exemplo". E, após tal reflexão, sentiu-se acalmado e entrou a crivar a viúva de perguntas sobre pormenores da morte do marido, como se morrer fosse uma coisa inerente a Ivan Ilitch e de modo algum a ele.

Foi uma longa exposição dos tormentos de Ivan Ilitch, tão mais terríveis, percebeu Piotr Ivánovitch, quanto mais atuavam sobre os nervos de Praskóvia Fiódorovna. E, por fim, a viúva achou que estava na hora de entrar nos assuntos práticos.

— Ah, Piotr Ivánovitch, como é penoso! Como é terrivelmente penoso! — e tornou a chorar.

Ele suspirou e esperou que ela acabasse de se assoar.

Então, disse:

— Creia-me, senhora...

Ela, porém, interrompeu-o e, muito loquaz, atacou o assunto que, na realidade, era o único que desejava tratar com ele, seja, como precisaria agir para obter dinheiro do Tesouro pela morte do marido. Fingia aconselhar-se com ele sobre a pensão a receber, mas depressa Piotr Ivánovitch percebeu que ela estava a par de tudo até os mínimos pormenores, perfeitamente conhecedora, inclusive, de trâmites que ele mesmo desconhecia. Sabia precisamente quanto iria perceber de pensão, sabia, mas o que pretendia arrancar dele era um jeito de conseguir mais. Piotr Ivánovitch esforçou-se por alvitrar alguns meios, mas terminou confessando que não era possível ela auferir mais; entretanto, para ser agradável, criticou severamente o governo por sua sovinice. Praskóvia Fiódorovna deu um gemido e evidentemente começou a dar tratos à bola para se ver livre do visitante. Ele não era tão tolo que não a compreendesse e, apagando o cigarro no cinzeiro, levantou-se, apertou-lhe a mão e retirou-se.

Na sala de jantar, onde estava a pêndula que Ivan Ilitch, com tanta alegria, descobrira num ferro-velho, Piotr Ivánovitch encontrou um sacerdote, vários conhecidos vindos para a encomendação e a filha do falecido, moça muito bonita e que ele conhecia. Vestia-se ela de preto e sua delicada cintura parecia mais fina do que nunca. Mostrava um ar sombrio, decidido, quase agressivo, e cumprimentou Piotr Ivánovitch como se ele fosse culpado de alguma coisa.

Atrás dele, com a mesma expressão de pessoa ofendida, estava um rapaz rico, juiz de instrução, que ele também conhecia e que era, segundo

ouvira dizer, noivo da moça. Fez a ambos uma saudação grave e ia entrar na câmara mortuária, quando, ao pé da escada, apareceu o filho de Ivan Ilitch, colegial ainda e extremamente parecido com o pai.

Era bem uma miniatura de Ivan Ilitch, tal como Piotr Ivánovitch se lembrava dele na faculdade de direito. Os olhos, vermelhos de chorar, denunciavam a vulgaridade e o vício tão comuns nos meninos de treze ou catorze anos.

Quando deu com Piotr Ivánovitch, franziu o rosto, envergonhado. Piotr Ivánovitch fez-lhe um aceno com a cabeça e entrou no quarto do morto. Começava a encomendação: velas, gemidos, incenso, lágrimas, soluços. Piotr Ivánovitch parou e ficou olhando, de cara amarrada, os próprios pés e os dos que estavam à sua frente. Nem uma só vez olhou para o defunto, não se deixou tomar por qualquer influência depressiva e foi um dos primeiros a sair. Não havia ninguém na antecâmara. Guerássim veio correndo do quarto do morto, revolveu com as mãos robustas todas as peliças para encontrar a de Piotr Ivánovitch e ajudou-o a vesti-la.

— E então, amigo Guerássim? — perguntou Piotr Ivánovitch, para não deixar de dizer alguma coisa. — Sente muito?

Fez-se a vontade de Deus. Todos nós teremos de passar por isso — respondeu, mostrando os alvos e úmidos dentes de mujique.

E, como pessoa muito ocupada, abriu rapidamente a porta da frente, chamou um cocheiro, ajudou Piotr Ivánovitch a subir no carro e voltou, apressadamente, como se estivesse ansioso para se entregar a qualquer outra tarefa.

Depois do cheiro de incenso, de cadáver e de feriol, foi um verdadeiro prazer para Piotr Ivánovitch respirar o ar puro.

— Para onde, senhor? — perguntou o cocheiro.

— Ainda é cedo... toque para a casa de Fiódor Vassílievitch.

E para lá foi. Ao chegar, encontrou os jogadores acabando a primeira partida, de maneira que ainda pôde participar da seguinte.

II

A vida de Ivan Ilitch era das mais simples, das mais vulgares e, contudo, das mais terríveis. Juiz do Tribunal, falecia aos quarenta e cinco anos. Era filho de um funcionário que, tendo servido em vários

ministérios e departamentos em Petersburgo, fizera aquele tipo de carreira que leva as pessoas a uma situação da qual, pela antiguidade, não podem ser demitidas, embora seja cabal e reconhecida a sua incompetência para exercer qualquer posto de maior responsabilidade; por essa razão, recebem cargos fictícios, com ordenados de seis a dez mil rublos, nada fictícios, com que vivem até avançada idade.

Assim era o conselheiro privado Iliá Iefímovitch Golovin, funcionário inútil de várias repartições supérfluas. Teve três filhos homens. Ivan Ilitch era o segundo. O primogênito seguira os passos paternos, apenas em outro ministério, e já estava chegando ao ponto em que iria ser premiado com uma sinecura idêntica. O terceiro era uma desgraça. Depois de fracassar em diversos empregos, servia no departamento de estradas de ferro. O pai e os irmãos, e muito especialmente as cunhadas, odiavam encontrá-lo e até, salvo necessidade extrema, não tomavam o menor conhecimento de sua existência. Quanto à irmã, casara-se com o barão Graff, um funcionário petersburguês, da mesma marca do sogro. Ivan Ilitch era, na voz corrente, a avLç rara da família. Não era frio e meticuloso como o irmão mais velho, nem destrambelhado como o mais novo; constituíra um meio-termo feliz: inteligente, ilustrado, agradável e decente. Cursara a faculdade de direito junto com o caçula, que fora expulso no quinto ano, não se formando, ao passo que Ivan Ilitch, brilhando nos estudos, recebera o diploma. E no seu tempo de acadêmico já era aquilo que seria pelo resto da vida: capaz, alegre, bonachão e comunicativo, conquanto severo no cumprimento do seu dever, e considerava como seu dever tudo quanto os seus superiores hierárquicos consideravam como tal. Não era um adulador, nem quando menino, nem quando homem feito, porém, desde a infância, sentira-se naturalmente atraído pelas pessoas que ocupavam posição elevada na sociedade, tal como as mariposas pela luz, e assimilava-lhes as maneiras e as opiniões, forçando ainda relações amistosas com elas. Passou incólume por todos os entusiasmos da infância e da mocidade; mas se entregou à sensualidade, à vaidade e, nos últimos anos do curso, ao liberalismo, embora sempre dentro de determinados limites, que seu apurado instinto apontava como corretos.

Na vida acadêmica praticou algumas ações que, antes, lhe pareciam ignominiosas e que suscitaram nele repugnância por si mesmo, no momento em que as cometia; todavia, mais tarde, verificando que tais procedimentos eram perpetrados também por pessoas de alto nível social, que não as consideravam erradas, sentiu-se capaz de não considerá-las como boas, mas esqueceu-as quase por completo e não se sentiu perturbado, nas raríssimas vezes que elas lhe acudiram a memória.

Ao colar grau de advogado, foi admitido como funcionário de

décima classe e, tendo recebido do pai o dinheiro para o uniforme, então obrigatório no serviço público, Ivan Ilitch encomendou a indumentária no Charmer, que era o alfaiate da moda, prendeu uma medalha com a inscrição Respice Finem na corrente do relógio, despediu-se do professor e príncipe, patrono da faculdade, jantou com os companheiros de turma no famoso restaurante Donon e, munido de boas roupas de cima e de baixo, apetrechos de toilette, de manta de viagem e competente mala, todos os artigos adquiridos nas melhores lojas, seguiu para uma província, a fim de exercer um cargo em comissão, requisitado pelo governador, graças ao empenho do pai.

Na província, Ivan Ilitch conseguiu desde logo uma situação tão fácil e agradável quanto a que havia obtido na faculdade. Dava perfeita conta das suas funções e fazia carreira, ao mesmo tempo que se divertia deleitosa e decentemente; de quando em quando, era encarregado de vistorias nos distritos, onde se comportava com absoluta dignidade perante superiores e inferiores, desempenhando as missões com uma exatidão e honestidade de que se podia considerar justamente orgulhoso.

Dentro das funções oficiais, a despeito da sua mocidade e da sua índole jovial, era extremamente controlado, exigente e mesmo severo; em sociedade, porém, mostrava-se brincalhão e espirituoso, sempre bem-humorado, alinhado e bon enfant, como costumavam dizer o governador e sua senhora, junto aos quais era tido como pessoa da família.

Teve, na província, uma ligação com uma dama local que se atirara nos braços do jovem e elegante advogado e ainda um breve caso com uma modista; houve farras com oficiais da guarda pessoal do czar de passagem pela cidade, com idas, após a ceia, a certa rua afastada e de duvidosa reputação; havia uma certa bajulação ao chefe e à esposa do chefe, mas praticada de maneira tão elevada e distinta, que não seria possível aplicar-lhes palavras desairosas. Tudo cabia no adágio francês: il faut que Jeunesse se passe. Tudo era feito com as mãos limpas, com camisas limpas, com frases francesas e, principalmente, no seio da melhor sociedade, por conseguinte com a plena aprovação das pessoas altamente colocadas.

Assim Ivan Ilitch serviu pelo espaço de cinco anos, até que sobreveio uma reforma no serviço público. Foram introduzidas novas instituições judiciárias, outras sofreram uma reformulação e houve a necessidade de gente nova.

Ivan Ilitch viu-se incluído na falange de novos valores. Ofereceram-lhe o lugar de juiz de instrução, que aceitou, embora o cargo fosse em outro governo e se visse obrigado a deixar as boas relações que fizera e ter de criar outras. Os amigos presentearam-no com uma

cigarreira de prata, compareceram ao bota-fora e posaram em grupo para uma fotografia. E ele foi ocupar o seu novo cargo.

No exercício da função de juiz de instrução, Ivan Ilitch demonstrou ser tão coilfaut quanto o era como funcionário em comissão — digno, respeitável, incapaz de confundir sua vida particular com a magistratura, inspirando geral consideração. Aliás, suas obrigações de juiz de instrução pareciam-lhe mais interessantes do que as anteriores.

Na antiga posição, dava-lhe um certo contentamento envergar o seu uniforme talhado por Charmer, passar desembaraçadamente por entre os funcionários e requerentes que, trêmulos, aguardavam ser recebidos pelo governador, e deixar na sua esteira uma onda de inveja pela facilidade com que livremente entrava no gabinete para saborear um chá ou fumar um cigarro na companhia da suprema autoridade provincial; no entanto, poucas pessoas dependiam diretamente dele no cargo, e eram, quando enviado em missão especial, apenas os funcionários da polícia distrital e os sectários aos quais o governo czarista movia tenaz perseguição para defesa da Igreja Ortodoxa Oficial. E gostava de tratá-los com deferência, quase camaradescamente, mas fazendo claramente sentir que, com o poder de que dispunha, fácil seria esmagá-los se quisesse. Mas, agora, na qualidade de juiz de instrução, Ivan Ilitch sabia que todos, sem exceção, mesmo os mais poderosos e emproados, dependiam dele e bastava que escrevesse umas poucas linhas num papel timbrado para que o personagem mais importante e mais auto-suficiente comparecesse à sua presença como acusado ou como testemunha, e, se não quisesse que ele se sentasse, ficaria de pé suportando a sua argüição. Jamais abusou de tal autoridade, muito pelo contrário, procurava atenuá-la, mas a consciência do poder e a possibilidade de abrandá-lo constituíam para ele o principal interesse e a absorvente atração do seu novo encargo. Quanto aos processos de instrução, rapidamente encontrou meios de simplificá-los para maior clareza e rendimento do serviço, eliminando minúcias supérfluas ao andamento do processo, reduzindo os interrogatórios ao essencial, estabelecendo normas gerais em que se enquadravam até os casos mais complicados, excluindo inteiramente a sua opinião pessoal sobre a matéria e, sobretudo, obrigando a que se cumpris sem todas as formalidades exigidas. Tratava-se de um trabalho verdadeiramente novo e Ivan Ilitch foi dos primeiros a aplicar os dispositivos do novo Código de 1864, impregnado de idéias liberais.

Mudando-se para uma outra cidade, Ivan Ilitch travou novas relações, fez novas amizades, assumiu novas atitudes e mudou de tom. Manteve uma distância altiva em relação às autoridades provinciais, incorporou-se a um círculo de maotrados e nobres ricos e começou a emitir leves censuras ao governo alguns conceitos de um liberalismo

moderado e certas idéias um tanto ou quanto avançadas. Ao mesmo tempo, sem alterar a elegância dos trajes, deixou crescer a barba.

Na nova cidade, a vida de Ivan Ilitch também se organizou muito agradavelmente: a sociedade que se opunha discretamente ao governador era amável e coesa, seus vencimentos aumentaram, e se iniciou no uíste, mais uma fonte de prazer, pois era um jogador nato, sabendo enfrentar os riscos com bom humor, raciocinando com prontidão e esperteza as suas cartadas e, por tal, sempre bem feliz nos ganhos.

Já residia ali havia quase dois anos, quando conheceu sua futura esposa. Praskóvia Fiódorovna Michel era a moça mais atraente, mais inteligente e vivaz do círculo que Ivan Ilitch freqüentava. E, entre os passatempos que os seus trabalhos de juiz exigiam, Ivan Ilitch incluiu as relações cordiais e divertidas com essa moça. Ao tempo de funcionário em comissão, ele dançara bastante, mas, como juiz de instrução, só praticava dança em caráter excepcional. Assim, quando se dispunha a fazê-lo, apenas tinha em mira provar que, embora estivesse servindo nas novas instituições e fosse funcionário de quinta classe, sabia bailar tão bem ou melhor que os mais. Obedecendo a tal sorte de exibição, uma vez por outra, no final dos saraus, dançava com Praskóvia Fiódorovna, e foi durante essas danças que ela o conquistou. A princípio, Ivan Ilitch não tinha intenção de se casar, mas quando a moça se enamorou dele formulou a si próprio a pergunta: "Por que, afinal, não me casar?"

Praskóvia Fiódorovna pertencia a excelente família, não era feia, e possuía uma pequena fortuna. Ivan Ilitch poderia ter aspirado a um partido melhor, mas aquele já era bem satisfatório. Ele tinha apreciáveis vencimentos e ela, conforme esperava o noivo, teria uma renda mais ou menos igual.

Dizer que Ivan Ilitch se casou por ter se apaixonado pela moça e por ter encontrado nela compreensão para a sua concepção da vida seria tão incorreto quanto afirmar que se consorciara porque a sua roda social aprovara o enlace. Esposou-a movido por suas próprias razões: o casamento lhe proporcionava particular satisfação e era visto como uma boa solução pelos seus amigos mais altamente colocados.

E Ivan Ilitch se casou.

Os preparativos do matrimônio e os primeiros dias da vida conjugal com os carinhos recíprocos, o mobiliário novo, a baixela nova e o enxoval nupcial, tudo decorreu a contento, e, quando a mulher engravidou, Ivan Ilitch chegou a pensar que o casamento não só não perturbava o ritmo de uma vida cômoda, divertida, sempre decente e aprovada pela sociedade, que ele considerava inerente à existência em geral, como até valorizava-o consideravelmente. Mas, aos primeiros meses

da gravidez, algo novo, desagradável, penoso e inconveniente aconteceu de modo inesperado e sem jeito de ser evitado.

A esposa, sem motivo real — de gaité de coeur, como ele julgava —, começou a arruinar a alegria e a decência da sua vida. Eram ciúmes infundados, exigências de cortejá-la, implicâncias mesquinhas e cenas grosseiras por dá cá aquela palha.

A princípio, Ivan Ilitch cuidou neutralizar os dissabores da situação assumindo aquela atitude superior e digna que, até na vida corrente, proporcionara sempre bons resultados — fingir que ignorava o mau humor da mulher e prosseguir a viver na mesma despreocupada frivolidade, convidando amigos para jogar em sua casa, freqüentando o clube e matando algumas noites na residência de colegas. Mas, certo dia, a mulher começou a injuriá-lo, gastando as palavras mais inqualificáveis; e, com redobrada violência, continuou a fazê-lo, exigindo a submissão dele aos seus caprichos e prometendo não parar enquanto não o conseguisse, seja que ele ficasse em casa, aborrecendo-se ao lado dela. Nessa altura, Ivan Ilitch ficou alarmado. Compreendia que o convívio conjugal, pelo menos com a esposa que escolhera, nem sempre favorece os prazeres e as doçuras da existência, mas, pelo contrário, contribui para perturbar a harmonia e a dignidade dela, sendo, portanto, indispensável proteger-se contra tais infrações. E Ivan Ilitch entrou a procurar os meios para se defender. Suas obrigações funcionais eram a única coisa que infundia respeito a Praskóvia Fiódorovna, de modo que Ivan Ilitch, valendo-se delas e dos deveres decorrentes, começou a levantar barreiras que preservassem a sua independência pessoal.

Nascido o filho, com as tentativas para amamentá-lo e os vários malogros delas, com as doenças reais ou imaginárias do bebê e da mãe, nas quais a participação de Ivan Ilitch era exigida sem que pudesse compreendê-la, pois nada entendia do assunto, tornou-se ainda mais imperativa a necessidade de assegurar para si um mundo à parte da família.

À proporção que a mulher se tornava mais irritadiça e exigente, ele ia transferindo o centro de gravidade da sua vida para o trabalho, querendo melhorá-lo cada dia e cada dia ficando mais ambicioso.

E, não mais que um ano após o casamento, Ivan Ilitch chegou à conclusão de que a convivência familiar, embora ofereça certas vantagens, era uma coisa verdadeiramente complexa e difícil, para a qual é preciso elaborar uma relação definida, tal como perante o trabalho, a fim de se poder cumprir honradamente o dever, ou seja, levar-se uma vida que, pela correção, a sociedade aprove.

E Ivan Ilitch elaborou para si uma relação concreta. Do seio

familiar só exigia a mesa, a dona da casa e o leito, como comodidades que ele poderia proporcionar, além das formalidades exteriores que a opinião pública exige. Se buscava alegria e cordialidade e encontrava-as, mostrava-se agradecido, mas se se defrontava com resistências e desinteligências refugiava-se, incontinenti, no isolado mundo das suas obrigações e com ele se satisfazia.

Ivan Ilitch era tido e havido como funcionário exemplar e, transcorridos três anos, nomearam-no promotor substituto. os novos encargos, a importância deles, a possibilidade de denunciar e trancafiar na cadeia quem bem ele quisesse, a repercussão das suas acusações, o êxito que obtinha, tudo enfim concorria para que mais se sentisse atraído para a vida pública.

Nasceram mais filhos. A mulher foi ficando cada dia mais impertinente e irascível, mas as relações estabelecidas com o âmbito doméstico tornaram Ivan Ilitch quase impenetrável ao ranzinzismo da cara-metade.

Depois de sete anos, foi removido para outra província como promotor. Mudaram-se, mas o dinheiro começou a faltar e Praskóvia Fiódorovna não gostava da cidade. Conquanto percebesse maiores vencimentos, o custo da vida era mais elevado e, como, além disso, perderam dois filhos, o ambiente íntimo ficou ainda mais desagradável.

Praskóvia Fiódorovria culpava o marido por todos os transtornos ocorridos na nova residência. A maioria das conversas entre os dois, sobretudo as referentes à educação das crianças reanimavam passadas discussões e ameaçavam, a cada momento, degenerar em feias brigas. Restavam apenas uns esporádicos períodos de atração amorosa, de curta duração. Eram pequenas ilhas em que ancoravam por diminuto lapso de tempo, para depois novamente se lançarem ao mar de ódio latente que lhes inundava a alma, revelado no afastamento que guardavam entre eles. Tal distanciamento poderia entristecer Ivan Ilitch, se não achasse que tudo deveria ser assim mesmo, e não somente o considerava normal, como o convertera em objetivo a alcançar na vida privada. o seu objetivo consistia em se libertar cada vez mais das contrariedades domésticas e dar a elas uma aparência inofensiva e decente; e conseguiu-o passando cada vez menos tempo com os seus, e, quando era impraticável sair de casa, procurava resguardar a sua posição cercando-se de pessoas estranhas. O principal, porém, era haver a sua vida de funcionário. Todo o interesse da sua existência se concentrou no mundo judiciário e esse interesse o absorvia. A consciência da sua força, que permitia aniquilar quem ele quisesse, a irriporiência da sua entrada no tribunal, a deferência que lhe tributavam os subalternos, seus êxitos com superiores e subordinados e,

sobretudo, a maestria com que conduzia os processos criminais e da qual se orgulhava — tudo isso lhe dava prazer e lhe enchia os dias, a par das palestras com os colegas, os jantares e o uíste. Assim a vida de Ivan Ilitch decorria da maneira que achava conveniente — agradável e digna.

Dentro de tal ritmo viveu mais sete anos. A filha mais velha já contava dezesseis, perdera um outro filho, e ficara ainda um menino, colegial e objeto de discussões. Ivan Ilitch pretendera fazê-lo estudar direito, mas Praskóvia, por pirraça, matriculou-o no colégio. A filha estudava em casa, com bom aproveitamento; o menino também não ia mal.

III

Assim passou Ivan ilitch dezessete anos de casado. Já era há muito tempo procurador, e recusara diversas remoções, na expectativa de um posto mais interessante, quando uma ocorrência inesperada ameaçou perturbar profundamente o pacato curso de sua vida. Contava que lhe fosse oferecido o cargo de juiz-presidente numa cidade universitária, mas Hoppe, não se sabe como, passou na sua frente e obteve o lugar. Ivan Ilitch ficou imensamente irritado, censurou o colega e acabou brigando com ele e com os seus superiores imediatos, que, por hostilidade, novamente o preteriram nas designações seguintes.

Isso foi em 1880, o pior ano da vida de Ivan Ilitch. Por um lado ficou provado que os seus vencimentos eram insuficientes, forçando-o a contrair empréstimos para se manter, e, por outro, que fora completamente esquecido, coisa que lhe parecia a mais clamorosa e cruel injustiça, conquanto aos outros não passava de um caso bastante comum. O próprio pai não se achou obrigado a socorrê-lo. Sentiu que todos o abandonavam, considerando a sua situação, com três mil e quinhentos rublos de ordenado, perfeitamente normal e, até, feliz. Somente ele sabia que, com a consciência das injustiças que lhe eram feitas com as constantes azucrinações da mulher, com as dívidas que assumira, a sua vida estava longe de ser normal.

Naquele verão, para aliviar as finanças, ele pediu uma licença e foi passá-la no campo com a família, em casa do irmão da mulher.

Lá, ocioso, Ivan Ilitch sentiu, pela primeira vez, o que era tédio e, mais que tédio, uma insuportável angústia. E decidiu que era impossível viver em tais condições e que precisava, urgentemente, tomar enérgicas providências.

Depois de uma noite de insônia, que Ivan Ilitch atravessou andando de um lado para o outro no terraço, resolveu ir a Petersburgo a fim de manobrar para que fossem castigados aqueles que não haviam reconhecido os seus méritos e conseguir uma transferência para outro ministério.

No dia seguinte, apesar de todas as objeções apresentadas pela mulher e pelo cunhado, marchou para Petersburgo, tendo em mira arranjar um lugar que lhe rendesse cinco mil rublos. Pouco já se lhe dava o ministério ou a espécie de serviço. Tudo quanto queria era um lugar de cinco mil rublos, fosse numa administração qualquer, num banco, na estrada de ferro, nas instituições de caridade da imperatriz Maria, até na alfândega, contanto que desse cinco mil rublos e não dependesse do ministério onde não souberam recompensar o seu valor.

Ora, a viagem de Ivan Ilitch foi coroada de êxito surpreendente e inesperado. Subiu em Kursk, para o mesmo compartimento de primeira classe em que viajava, o seu conhecido F. S. Ilin, que lhe comunicou os termos de um telegrama, recebido pelo governador, ali, dando conta duma iminente mudança no ministério: Piotr Ivánovitch substituiria Ivan Siemiónovitch.

A esperada mudança, além da sua importância para o país, tinha uma particular significação para Ivan Ilitch, pois a ascensão ao poder de uma nova personalidade, no caso Piotr Ivánovitch, arrastaria seguramente a do seu amigo Zakhar Ivánovitch, que muito poderia favorecê-lo.

A auspiciosa notícia foi confirmada em Moscou. E, chegando a Petersburgo, Ivan Ilitch encontrou Zakhar e arrancou a promessa de uma colocação no próprio ministério da justiça.

Uma semana depois, telegrafava à mulher: “Zakhar substituiu Miller primeiro despacho minha nomeação”.

Em virtude da mudança, Ivan Ilitch obteve inopinadamente, no ministério em que servia, um posto duas classes acima dos colegas, percebendo cinco mil rublos e mais três mil e quinhentos de ajuda de custo para a mudança. Ficou no auge da felicidade e esqueceu todo o rancor que nutria pelos inimigos de ontem e pelo ministério.

Regressou ao campo alegre e bem disposto, como há muito tempo não lhe acontecia. Praskóvia Fiódorovna também se alegrou e entre os dois houve uma trégua. Ivan Ilitch contou-lhe como fora obsequiado em Petersburgo, como humilhara os seus antigos inimigos, que agora o adulavam e o invejavam, e como toda gente gostava dele na capital.

A mulher ouvia, parecia acreditar em tudo, não o contradisse uma vez sequer. Limitou-se a arquitetar planos para a sua instalação na cidade

onde iriam residir. Ivan Ilitch alegremente viu que os planos coincidiam com os seus, que ele e ela estavam se harmonizando e que a vida dele, após a crise sofrida, retomava o curso normal, agradável e decorosa.

Ivan Ilitch voltara para passar pouco tempo, pois a posse no novo cargo estava marcada para 10 de setembro e tinha ainda de arranjar a nova casa, efetuar o transporte das suas coisas, encomendar muitas outras, em suma, organizar a vida de acordo com os seus projetos, que praticamente eram os mesmos de Praskóvia Fiódorovna.

E agora, que tudo tomava uma feição tão favorável, que ele e a mulher se entendiam, as relações do casal tornaram-se melhores do que haviam sido até mesmo nos primeiros tempos de matrimônio. E Ivan Ilitch pensou em levar a família consigo, mas diante da insistência do cunhado e da cunhada, que se tornaram repentinamente de amores por ele e pelos seus, acabou por ir sozinho.

Partiu, e a excelente disposição de ânimo provocada pelo sucesso e pela harmonia conjugal não o abandonou. Encontrou uma casa encantadora, exatamente como ele e a mulher sonharam. As salas de recepção eram espaçosas, de alto pé direito, em estilo antigo; um escritório confortável e imponente, bons os quartos da mulher e da filha, e o de estudo do filho; tudo parecia ter sido construído expressamente para eles. Ivan Ilitch ocupou-se pessoalmente dos arranjos, escolheu o papel de parede, comprou os móveis que faltavam, de preferência antigos, que lhe pareciam tão distintos, e tudo ia atingindo aquele ideal que ambicionara.

Quando chegou a meio da instalação, já ela ultrapassava as suas previsões. Anteviu o requinte e a elegância, longe de qualquer vulgaridade, que teria o conjunto quando pronto.

Antes de dormir, imaginava como ficaria a sala de visitas. Olhando-a, ainda inacabada, via já a lareira, o guarda-fogo, a vitrina, as cadeirinhas espalhadas aqui e ali, as bandejas e pratos pendurados nas paredes, os bronzes. Alegrava-se com a surpresa que teriam a mulher e a filha, muito dadas também à decoração. Seguramente, não esperariam tanto capricho. Teve a sorte, principalmente, de poder comprar barato certas antiguidades, que emprestavam à casa um ar pronunciadamente aristocrático. Mas, nas cartas que escrevia, propositadamente não relatava tudo, para mais ainda as surpreender. Tudo isso o absorvia tanto que seu novo emprego perdia o interesse que esperava, conquanto muito gostasse da sua atividade profissional. Durante as sessões do tribunal, freqüentemente ficava com o pensamento longe, conjeturando se devia fazer as sanefas lisas ou pregueadas. Estava tão dominado pela obra, que, várias vezes, movido pela impaciência, ele mesmo mudava a posição de certos móveis ou pendurava uma cortina. De uma feita, ao trepar numa

escadinha, a fim de mostrar ao operário, que não o estava compreendendo, como queria que o serviço fosse executado, dando um passo em falso, escorregou, mas, como era ágil e forte, conseguiu se aprumar e apenas bateu de lado na moldura da janela. Sentiu a pancada, mas depressa estava lépido. Naquela azáfama, mostrava-se contente e bem disposto. Escrevia à mulher, confessando-se reminado uns quinze anos. Cuidou que tudo ficaria pronto em setembro, mas as obras se arrastaram até meados de outubro. Em compensação tudo ficaria maravilhoso, opinião que não era só dele, mas de todos os que visitavam a casa.

Na verdade, havia ali o mesmo que se encontra nas casas de gente remediada, mas que pretende aparentar opulência e apenas consegue que se pareçam extraordinariamente umas com as outras: tapeçarias, ébano, plantas, pesados bronzes, cores escuras ou vivas, enfim, tudo aquilo que as pessoas de certa classe possuem para se parecer com as pessoas da mesma classe. A casa de Ivan Ilitch era uma perfeita imitação, mas ele a achava absolutamente original. Ao ir buscar a família na estação, levava a felicidade dentro do peito, e ao trazê-la para a casa, onde um criado de gravata branca abriu a porta da saleta de entrada, ornamentada de plantas, os gritos de admiração e elogios foram tamanhos, ao percorrerem as dependências, que ele usufruiu um extraordinário prazer. Naquela noite, à hora do há, quando Praskóvia Fiódorovna perguntou-lhe, entre outras coisas, como fora a queda, ele, entre risos, representou como escorregara, como batera na moldura da janela e como assustara o operário.

— Felizmente eu sou um tanto atleta. Outro, no meu lugar, estaria morto. Eu, porém, apenas me machuquei um pouquinho aqui. Quando toco, ainda dói, mas está muito melhor. Ficou somente uma mancha roxa.

Começaram a vida nova na casa e, como sempre acontece, depois de devidamente acomodados, acharam que faltava ainda um outro quarto; os recursos haviam dobrado, mesmo assim, como também sempre acontece, consideraram que ainda precisariam de mais uns quinhentos rublos; mas, afinal, tudo marchava bem. Sim, tudo marchava bem, quando restavam algumas coisas para fazer: comprar certos objetos, encomendar outros, mudar determinados móveis de lugar, pôr em ordem as prateleiras. Conquanto houvesse algumas controvérsias entre marido e mulher, ambos estavam contentes e tinham tanto a fazer que terminavam sem maiores brigas. Mas, quando não havia nada mais para arrumar, sobrevieram o tédio e a sensação de que faltava qualquer coisa.

Foi aí que as relações, que já estavam fazendo e estabelecendo outros hábitos, serviram para encher a vida.

Ivan Ilitch consumia as manhãs no tribunal, voltava para jantar, a princípio bem-humorado, embora às vezes se irritasse, e sempre por causa

do lar. (Uma mancha na toalha ou nos estofados, um cordão de cortina arrebentado, qualquer ninharia assim deixava-o fora de si; tanto suor lhe custara a instalação, que o menor estrago desesperava-o.) Mas, de um modo geral, a vida ia correndo dentro da sua concepção: sossegada, amena e decente. Levantava-se às nove horas, tomava o café, lia o jornal, depois envergava o uniforme e batia para o tribunal. Ali o esperava a canga do trabalho, à qual se submetia sem relutância: partes, inquéritos, recursos, pedidos de informações de instâncias superiores, sessões públicas e sessões deliberativas. Era mister eliminar nas suas ocupações o menor traço da refrescante realidade, que perturba o bom andamento burocrático, e manter contato com as partes exclusivamente dentro das normas oficiais. Vem um cavalheiro, por exemplo, solicitar determinada informação. Na sua posição de funcionário, Ivan Ilitch não pode dispensar ao solicitante nenhuma atenção; mas, se os seus mútuos entendimentos puderem ser expressos em papel timbrado, dentro de tais limites Ivan Ilitch faz tudo quanto pode, absolutamente tudo, mantendo uma aparência de cordialidade e polidez. Terminadas, porém, as relações burocráticas, cessa tudo o mais. Ivan Ilitch possuía no mais alto grau a capacidade de isolar o lado funcional, não o confundindo jamais com a vida real. Graças à longa prática, aliada à nata aptidão, atingia ele tal perfeição que, às vezes, como um virtuose, dava-se ao luxo de, por brincadeira, misturar as relações humanas com as burocráticas.

Permitia-se isso por sentir que poderia, a qualquer momento, retomar a sua atitude rigorosamente funcional e repelir o aspecto humano. E era coisa que fazia não só fácil, agradável e decentemente, mas até artisticamente. Nos intervalos das sessões fumava, tomava chá, dava dois dedos de prosa sobre política, um outro tanto sobre generalidades, falava um pouco sobre jogo de cartas e, mais que tudo, sobre nomeações e remoções. Fatigado, mas com o sentimento do virtuose, por exemplo, de um primeiro violino que executou primorosamente a sua parte na orquestra, voltava para casa, onde tomava conhecimento de que a mulher e a filha tinham saído para fazer visitas, ou alguém as visitara, que o filho, estava no colégio, fora às lições em casa de explicadores e aprendia com aproveitamento as suas matérias. Tudo estava perfeitamente bem, portanto, passado o jantar, se não tinham visitas, Ivan Ilitch lia às vezes um livro muito comentado e, mais tarde, aproveitava a noite para estudar certos processos, confrontando depoimentos de testemunhas, catando nos códigos o que podia ser aplicado a cada caso. Fazia tudo sem aborrecimento e sem prazer. Era chato quando poderia estar jogando uíste; mas se não havia jogo marcado era melhor do que ficar de mãos abanando ou conversar sozinho com a mulher. o maior prazer de Ivan ilitch consistia em dar pequenos jantares a uma seleta roda de convidados e, assim como

a sua sala de visitas se parecia com todas as salas de visitas, tais reuniões assemelhavam-se a todas as reuniões com danças.

Certa vez, deram uma recepção, Ivan Ilitch apreciou bastante e tudo saiu muito bem, salvo uma briga que teve com a mulher por causa de bolos e doces.

Praskóvia Fiódorovna tinha o seu plano, mas Ivan Ilitch insistiu em encomendar o bufê nutria confeitaria cara, comprou tortas demais e a desavença resultou do fato de ter sobrado uma boa quantidade delas, e a conta, que o confeiteiro apresentou, chegou a quarenta e cinco rublos. Foi uma briga comprida e infeliz. Praskóvia Fiódorovna chamou-o de "Idiota e imbecil". Ele pôs as mãos na cabeça e, desatinado, aludiu ao divórcio. Mas o baile havia sido divertido, A freqüência fora de gente fina e Ivan Ilitch dançara com a princesa Trufónova, irmã da conhecida fundadora da sociedade beneficente Remova o Meu Sofrimento.

A alegria que Ivan Ilitch encontrava no trabalho era a alegria da ambição; as alegrias da vida social eram as da vaidade; mas as verdadeiras alegrias eram as proporcionadas pelo uíste. Confessava que, acontecesse o que acontecesse, fossem quais fossem os seus dissabores, a alegria que vinha como um raio de luz, tudo fazendo olvidar, era se sentar a uma mesa de uíste com quatro bons parceiros, seguros e silenciosos (com cinco é enfadonho, pois um tem de ficar de fora, mesmo que diga o contrário), jogar uma partida movimentada e inteligente (quando as cartas vêm boas), e depois cear com um bom copo de vinho. Após um jogo de uíste, especialmente quando ganhava um pouco (ganhar demais é deselegante), Ivan Ilitch ia para a cama com o melhor humor possível.

E assim viviam. O círculo social que formaram era o mais escolhido, recebiam gente importante e muitos jovens.

Marido, mulher e filha tacitamente se entendiam no que se refere às relações, e tranqüilamente se livravam dos parentes pobres e dos amigos de poucas posses, que acorriam, cheios de amabilidades, à sala de visitas com pratos japoneses nas paredes. Não demorou que tais pobres-diabos deixassem de visitá-los, e os Golovin ficaram sossegadamente recebendo somente a nata da sociedade. Os moços cortejavam Lisanka, e Pietrichtchov, juiz de instrução e herdeiro único de Dmítri Ivánovitch Pietrichtchov, pôs-se a fazê-lo tão assiduamente, que Ivan Ilitch já alvitrava a Praskóvia Fiódorovna a conveniencia de organizar um passeio de tróica em que os jovens pudessem ficar juntos ou um espetáculo de amadores tendo em vista o mesmo fim.

Assim eles viviam: tudo ia bem, sem alterações, agradavelmente.

IV

Todos desfrutavam boa saúde. Não se podia chamar de doença o gosto esquisito que Ivan Ilitch dizia sentir de vez em quando na boca, bem como certa sensação incomoda no lado esquerdo do ventre.

Mas essa sensação incômoda começou a aumentar e, embora não se manifestasse com dor, converteu-se num permanente peso, que gerava em Ivan Ilitch um contínuo mau humor. E o mau humor, cada dia mais acentuado, entrou a perturbar a vida fácil e decente que levava a família Golovin. As rugas entre o casal se acentuaram, desapareceu a atmosfera amena, só ficando, a muito custo, o decoro. As cenas voltaram a se repetir e apenas bem poucas e pequeninas ilhas subsistiram que marido e mulher pudessem abordar sem uma explosão. Praskóvia Fiódorovna tinha agora motivos de sobra para dizer que o marido era de gênio difícil. Com o peculiar hábito de exagerar, dizia que sempre ele tivera um gênio horrível e só mesmo com a bondade de que era dotada pudera aturá-lo durante vinte anos. E, verdade seja dita, era ele quem agora dava início às brigas. Começavam as suas birras sempre na hora do jantar, comumente no exato momento de tomar a sopa.

Ora notava que uma louça estava rachada, ora reclamava que a comida não estava bem-feita; ora repreendia o filho por apoiar o cotovelo na mesa, ora implicava com o penteado da filha; e de tudo botava a culpa em Praskóvia Fiódorovna. Nas primeiras críticas, ela rebateu com palavras crespas, mas depois, quando em uma ou duas ocasiões viu-o presa de um invulgar desespero, admitiu tratar-se de alguma perturbação digestiva e se encolheu, mas passou a apressar o jantar. Fez, aliás, de tal resignação um título de glória. Após concluir que o marido possuía um temperamento insuportável, e que a fizera tremendamente desgraçada, começou a ter pena de si mesma e, quanto mais se compadecia de si, mais detestava o marido. Passou a desejar que ele morresse, mas, como a morte iria privá-la do ordenado, mais cresceu a sua raiva. Considerava-se supremamente infeliz porque nem mesmo a morte dele poderia salvá-la e, embora escondesse o seu desespero, a sua exasperação só fazia exaltar a do marido.

Depois de uma disputa, em que Ivan Ilitch fora inegavelmente injusto e, passada a qual, nas explicações que tiveram, ele confessara que se sentia realmente irritadiço, mas que isso só podia atribuir a uma doença, ela lhe disse que, se estava doente, devia se tratar e exigiu que fosse consultar um médico famoso.

Ele foi. Tudo se passou como previa e como se passa sempre: a longa espera, o ar doutoral tão seu conhecido, pois era o ar que gastava no

tribunal, a percussão, a auscultação, as perguntas de praxe, que pediam respostas formuladas de antemão e perfeitamente inúteis, e a importância com que dava a entender: basta que se submeta a nós e tudo resolveremos — sabemos muito bem como se resolvem esses casos, sempre da mesma maneira para qualquer paciente. Exatamente como no tribunal. Assim como representava uma farsa diante dos acusados, o famoso médico representava para ele.

O clínico dizia: isto e aquilo indicam que o senhor tem isto ou aquilo; mas se o exame não confirmar que o senhor tem isto e aquilo, devemos levantar a hipótese de ter isto ou aquilo. E supondo-se que sofre disto ou daquilo, então... e assim por diante. Ivan Ilitch só se preocupava com uma coisa: o que tinha era grave ou não? O doutor, porém, não ligava para a descabida pergunta. Do seu ponto de vista, o caPital era decidir entre um rim flutuante, uma bronquite Crônica ou uma afecção do ceco. Não estava em pauta a vida de Ivan Ilitch, mas sim decidir pelo rim ou pelo ceco. E o facultativo brilhantemente resolveu, segundo pareceu a Ivan Ilitch, a favor do ceco, ressalvando, porém, que um exame completo de urina poderia fornecer novos subsídios para a possível reconsideração do diagnóstico. Exatamente o que Ivan Ilitch fizera mil vezes, e com o mesmo brilhantismo, em relação a um acusado. De maneira igualmente brilhante, o médico fez a sua conclusão e, triunfante, e até jubilosamente, olhou por cima dos óculos para o acusado.

Mas Ivan Ilitch, pela conclusão científica, inferiu que as coisas andavam mal para seu lado, embora isso fosse indiferente para o médico e talvez para todo mundo. E a conclusão chocou-o profundamente, despertando nele um grande sentimento de comiseração por si mesmo e de ódio ao médico, pelo pouco caso com que encarava matéria de tamanha importância.

Calado ficara. Levantou-se, pos o dinheiro da consulta na mesa, deu um suspiro e só então falou:

— Nós os doentes talvez façamos muitas perguntas inconvenientes. Todavia, aventuro-me a perguntar se o que tenho é grave ou não?

O médico olhou-o severamente, por trás dos óculos, fechando um olho, como se dissesse: "Acusado, se não se restringir às perguntas que lhe foram formuladas, serei obrigado a mandá-lo retirar do recinto". Mas, na verdade, respondeu:

— Eu já disse ao senhor aquilo que considero necessário e oportuno. A análise da urina indicará o restante. — E fez-lhe uma saudação de despedida.

Ivan Ilitch saiu vagarosamente do consultório, sentou-se

melancolicamente no trenó e mandou tocar para casa.

Em todo o trajeto, ruminava o que o clínico dissera, procurando traduzir em palavras mais simples toda aquela fraseologia científica e ler nelas uma resposta ao seguinte: estou muito mal ou é coisa passageira? Tinha a impressão de que as palavras do médico escondiam a gravidade do seu estado. Nas ruas, tudo lhe pareceu triste. Os fiacres, as casas, os transeuntes, as lojas, tudo era tristeza. A dor, aquela dor surda, abafada, que não parava um segundo sequer, parecia ganhar, com as dúbias palavras do médico, um outro e mais sério significado. Ivan Ilitch prestava agora atenção a ela com um sentimento diferente e penoso.

Chegando a casa, foi logo contar tudo à mulher. Ela ouvia, porém, na metade do relato, eis que entra a filha, já de chapéu, pronta para sair com a mãe. Contrafeita, sentou-se para ouvir aquela xaropada, mas não agüentou por muito tempo e a mãe também não ouviu até o fim.

— Ótimo, estou muito contente — falou. — Agora trate de tomar o remédio direitinho. Passe pra cá a receita. Vou mandar Guerássim à farmácia aviá-la. — E foi se vestir.

Ele não parara de falar enquanto ela estivera na sala, mas quando a viu sair suspirou fundamente e pensou que talvez não tivesse mesmo nada de alarmante.

Tomava os medicamentos e seguia regularmente as prescrições do médico, alteradas após o resultado do exame de urina. Mas nesse ponto verificou-se uma certa divergência entre o que o médico predissera e os sintomas que se manifestaram. E possível que Ivan Ilitch tivesse esquecido ou confundido alguma preconização, ou o médico ocultasse qualquer coisa, pelo que não podia ser culpado. E Ivan Ilitch continuou a obedecer fielmente às prescrições e, nos primeiros tempos, encontrou consolo nisso.

Desde que fora se consultar, a principal ocupação de Ivan Ilitch passou a ser a execução rigorosa das determinações do clínico quanto à higiene e à ingestão dos remédios, e a observação da sua dor e de todas as funções do seu organismo. O seu interesse concentrou-se todo em torno das doenças e da saúde. Quando, na sua presença, se falava em pessoas enfermas, falecidas ou restabelecidas, mormente quando a enfermidade era parecida com a sua, ele atentamente ouvia com maldisfarçada inquietação, fazia mil perguntas e relacionava o que diziam com o seu caso.

A dor não diminuía, mas Ivan Ilitch fazia o possível para se persuadir de que ela estava melhorando. E conseguia enganar-se, enquanto nada o perturbava. Mas bastava um aborrecimento com a mulher, um insucesso no trabalho ou falta de sorte no uíste para que seu

estado imediatamente se agravasse. Antes suportava essas contrariedades, confiando poder acertar o que estava errado, superar as dificuldades, conseguir no jogo uma espetacular vitória.

Mas agora o menor insucesso prostrava-o, levava-o, ao desespero. E dizia consigo mesmo: "Logo agora, que eu começava a melhorar e a medicação vinha fazendo efeito, vem esta maldita infelicidade ou este contratempo!..." E ficava possesso com os infortúnios ou com as pessoas que os provocavam e o assassinavam, pois sentia que o enfurecimento o estava matando, sem que pudesse evitá-lo. Parecia ver com clareza que a irritação, contra as circunstâncias e contra as pessoas, não fazia senão aumentar seu mal e, por conseguinte, não deveria dar atenção aos fatos desagradáveis; mas agia exatamente ao contrário: dizia precisar de calma, vigiava atentamente tudo quanto pudesse perturbá-lo e se exasperava com a menor contrariedade. O seu estado ainda era agravado pela leitura de livros de medicina e pela consulta aos médicos. A evolução de sua doença se fazia com lentidão, de sorte que podia iludir-se a si próprio, comparando um dia com outro — a diferença era mínima. Mas se consultava os médicos a coisa mudava de figura — parecia que piorara consideravelmente. Não obstante, continuamente procurava-os.

No correr do mesmo mês, foi consultar outra celebridade, que quase repetiu o que a outra dissera, mas interrogando-o de modo diferente. E a visita só fez crescer as dúvidas e o medo de Ivan Ilitch. Um clínico excelente, amigo de um amigo dele, diagnosticou a moléstia de forma interessante, diversa dos outros e, embora vaticinasse a cura, as suas inquirições e suposições ainda mais confundiram Ivan Ilitch, que viu aumentar a incerteza. Um médico homeopata externou uma opinião diferente de todos e, por uma semana, Ivan Ilitch tomou, às escondidas, o remédio que ele receitara. Passada a semana, não sentindo nenhuma melhora, perdeu tanto a confiança no tratamento homeopático quanto no alopático e ficou mais abatido. Certo dia, uma senhora de suas relações referiu-se a curas realizadas por um ícone milagroso. Ivan Ilitch surpreendeu-se ouvindo-a atentamente e procurando dar crédito ao que contava, E ficou alarmado... "Será que eu já estou de miolo mole?", Perguntou-se.

"Besteiras! Tudo besteiras. Não me devo entregar às superstições — já que escolhi um médico, devo obedecer estritamente ao seu tratamento. E o que vou fazer. Palavra de honra! Não pensarei mais em baboseiras. Seguirei severamente o tratamento até o verão e, então, veremos... Chega de vacilações!" Era fácil de dizer, mas impossível de executar. A dor do lado não parava de atormentá-lo, parecendo mais forte, mais permanente, enquanto o mau gosto na boca ficava mais esquisito, pareceu-lhe que se transformara em mau hálito, e a inapetência se

acentuava, e as forças lhe fugiam. Não tinha ilusões: algo terrível e novo, e mais importante do que tudo quanto lhe acontecera na vida, se desenvOlvia dentro dele e somente ele percebia. Todos os que o cercavam não compreendiam ou não queriam compreender, cuidando que o mundo tudo continuaria como de costume. E tal pensamento atormentava Ivan Ilitch mais que tudo. Via que as pessoas da casa, sobretudo a mulher e a filha, que atravessavam uma fase de intensa vida mundana, não desconfiavam de nada, e ficavam muito aborrecidas porque ele andava macambúzio e exigente, como se tivesse alguma culpa. Embora disfarçassem, via que era um estorvo no caminho delas e que a mulher adotara uma premeditada atitude para com a moléstia que o prostrava e persistia em mantê-la a despeito do que ele pudesse dizer ou fazer. A atitude era a seguinte:

— Vocês sabem — dizia ela aos amigos — que Ivan Ilitch não pode, como qualquer outra pessoa o faria, seguir à risca o tratamento indicado. Se num dia ele toma as gotas, faz a dieta e vai cedo para a cama, no outro, se eu me distraio, esquecerá de tomar o remédio, comerá esturjão, que lhe é proibido, e ficará jogando uíste até uma hora.

— Ora, não exagere — replicava Ivan Ilitch, vexado.

— Só aconteceu isso uma vez, na casa de Piotr Ivánovitch.

— E ontem, em casa de Chebek.

— De qualquer forma, eu não conseguiria dormir, por causa da dor...

— É desculpa esfarrapada. Mas, do jeito que vai, uma coisa eu digo: assim não ficará bom e sempre nos dará aborrecimentos.

A atitude de Praskóvia Fiódorovna para com a doença do marido consistia, em resumo, em declarar a todos e ao próprio Ivan Ilitch que ele era o único culpado da moléstia e que esta não passava de mais um dos inumeráveis dissabores que causava a ela. Ivan Ilitch sentia que as palavras dela saíram involuntariamente, mas, mesmo assim, não se tornavam mais aceitáveis para ele.

No tribunal, Ivan Ilitch também notava, ou julgava notar, uma estranha atitude em relação à sua pessoa: ora tinha a impressão de que o olhavam como alguém que, em breve, deixará uma vaga; ora os colegas caçoavam afetuosamente da sua hipocondria, como se a pavorosa, atroz e incrível coisa que se desenvolvia dentro dele, sugando-o sem tréguas e arrastando-o irresistivelmente não sabia para onde, não passasse de um divertido tema para graçolas.

Schwarz, entre todos, é o que mais o irritava, aquele Schwarz que, com o seu gênio folgazão, sua vivacidade e a sua elegância, lembrava o

que ele próprio fora há dez anos passados.

Aparecem amigos para um joguinho. Abancam-se, dão as cartas, ele recebe sete ouros. O parceiro diz: "Sem trunfos", e o apóia com dois ouros. Que mais poderia desejar?

Devia se sentir alegre, animado — iria fazer uma grande jogada. De repente, Ivan Ilitch sente a dor obstinada, o gosto nauseabundo na boca, e parece-lhe estúpido, no estado em que se encontra, rejubilar-se com um grande lance.

Olha para seu parceiro, Mikhail Mikháilovitch, que fortemente bate com o punho na mesa e, por delicadeza, não arrasta a vaza, mas empurra-a para ele, a fim de lhe dar o prazer de apanhá-la sem fazer esforço, sem mesmo ser preciso estender o braço. "Será que Mikhail Mikháilovitch me acha tão fraco que nem posso estender muito o braço?", pensa, e esquece de contar os trunfos, desperdiça um deles numa vaza já ganha e perde por três vazas. E o pior é que vê como o parceiro sofre, enquanto para ele aquilo é indiferente. E é horrível pensar porque aquilo lhe é indiferente.

Todos vêem que ele não se sente bem e dizem-lhe: "Se está cansado, podemos parar. Descanse um pouco". Descansar? Não. De modo nenhum! E acabou a partida. Todos estão calados e sombrios. Ivan Ilitch não ignora que inspirou aquela atmosfera, mas não pode dissipá-la. Ceiam e cada um vai para o seu lado, e Ivan Ilitch ficou solitário, com a consciência de que sua vida está envenenada e que envenenava a dos outros e que o veneno não iria ser eliminado, mas sim penetrar cada dia mais fundamente no seu ser.

E, com a consciência disso e com a sua dor física, além do terror, tinha de ir para a cama, onde freqüentemente ficava rolando, insone, a maior parte da noite. E de manhã era preciso levantar-se, vestir-se, ir para o tribunal, falar, escrever, ou então ficar em casa as vinte e quatro horas do dia, cada uma das quais era uma tortura. E sozinho tinha de viver assim à beira do abismo, sem ninguém que o compreendesse e tivesse pena dele.

V

Assim correu um mês, depois outro. Dias antes do Ano Novo, o cunhado veio à cidade e se hospedou em sua casa. Ivan Ilitch fora ao tribunal e Praskóvia Fiódorovna estava fazendo compras. Voltando do trabalho e entrando no escritório, encontrou o cunhado, um tipo

vermelhaço esbanjando saúde, que desfazia a mala. Ouvindo os passos de Ivan Ilitch, ergueu a cabeça e olhou-o um instante, sem dizer nada. Ivan Ilitch leu tudo naquele olhar. O cunhado abriu a boca para uma exclamação de surpresa, mas se conteve. Esse movimento confirmava tudo.

— Estou mudado, não estou?

— Sim. Um quase nada.

E, por mais que ele depois forçasse o cunhado a voltar ao assunto, nada conseguiu. Praskóvia Fiódorovna chegou e o irmão foi conversar com ela. Ivan Ilitch passou a chave na porta e ficou se observando no espelho, primeiro de frente, depois de perfil. Apanhou um retrato que tirara com a mulher e comparou-o com o que o espelho lhe revelava.

Era enorme a diferença. Em seguida arregaçou as mangas até o cotovelo, examinou os braços, desceu as mangas, sentou-se num divã e ficou mais sombrio do que a noite. "Não é possível, não é possível", monologou e, levantando-se bruscamente, foi até a secretária, abriu um processo, começou a lê-lo, mas não conseguiu continuar. Abriu a porta e foi para a sala de visitas. Estava ela cerrada. Aproximou-se, na ponta dos pés, e ficou escutando.

— Não, você é exagerado! — dizia Praskóvia Fiódorovna.

— Exagerado, eu? Você é que está cega. Ele está um cadáver! Veja os olhos dele como estão baços. Mas o que é que ele tem, afinal?

— Ninguém sabe. Nikoláiev — era outro médico disse qualquer coisa, mas eu não entendi. Liechtchetchitzki — era outro médico de nomeada — disse o contrário...

Ivan Ilitch retirou-se para o seu quarto, estirou-se na cama e ficou remoendo: "Rim, rim flutuante". Relembrou tudo quanto os médicos lhe haviam dito sobre o deslocamento renal. E, num esforço de imaginação, procurou agarrar o órgão rebelde, prendê-lo, fixá-lo. "De tão pouco se precisava para consegui-lo", pensava. "Não, voltarei a falar com Piotr ivánovitch." (Era o amigo que tinha, como amigo íntimo, um grande especialista.) Tocou a campainha, mandou preparar o carro e começou a se vestir para sair.

— Aonde você vai, Jean? — perguntou a mulher, com um olhar de tristeza e bondade, que não lhe era comum.

Aquela expressão bondosa provocou-lhe raiva. Olhou-a sombriamente:

— Tenho que ir à casa de Piotr Ivánovitch.

Foi procurar o colega e, juntos, saíram para a casa do grande especialista. Lá o encontraram e Ivan Ilitch manteve com ele uma longa conversa.

Recapitulando as minúcias anatômicas e psicológicas fornecidas pelo especialista para explicar o que lhe acontecia, Ivan Ilitch compreendeu tudo. Havia uma coisinha no ceco, de fácil resolução. Bastava estimular a energia de um órgão e reduzir a de um outro, para que a reabsorção se processasse e tudo ficaria em ordem. Chegou atrasado para o jantar. Depois da comida, conversou alegremente e ficou algum tempo indeciso sobre se iria ou não trabalhar. Por fim, decidiu-se: foi para o escritório e meteu mãos a obra.

Pegava um processo, estudava-o com argúcia, mas a convicÇão de que havia um assunto importante e pessoal, que teria que enfrentar depois, não lhe saía da mente. Concluída a tarefa, lembrou-se de que o assunto era o funcionamento do seu ceco. Mas não se deixou dominar por ele e foi tomar chá na sala de visitas. Havia visitantes, Ixilestrava-se, tocava-se piano, cantava-se e presente estava o Juiz de instrução, o desejado noivo de sua filha. Conforme observou Praskóvia Fiódorovna, o marido estava, naquela noite, mais bem disposto do que costumeiramente, mas, nem por um instante.

Ele se esqueceu de que tinha um importante assunto para tratar — o seu ceco. As onze horas deu as boas-noites e se recolheu. Desde que enfermara, dormia sozinho num pequeno quarto pegado ao escritório. Despiu-se, pegou um romance de Zola, mas nem o abriu — ficou meditando. Em sua imaginação, se operava a tão ambicionada cura — havia a acomodação e a absorção e a atividade dos órgãos entrava na normalidade. “Sim, é assim mesmo”, disse com os seus botões. “Mas é preciso ajudar a natureza.” Lembrou-se do remédio, correu a torná-lo e deitou-se depois de costas, à espera do efeito, que era atenuar a dor. “Basta que eu o tome com regularidade e não faça imprudências. já estou me sentindo melhor, muito melhor.” Apalpou o lado — não doía. “Felizmente já não sinto mais nada, Estou muito melhor, não há dúvida.” E apagou a vela e se virou de lado.

“Sim, a absorção está se processando. Breve estarei curado.” De repente, sentiu ânsias de vômito. “Meu Deus! Meu Deus!”, exclamou de si para si. “Recomeçou! Recomeçou! Nunca desaparecerá!” E bruscamente a coisa se apresentou sob uma face inteiramente outra. “Que ceco! Que rim!”, pensou. “Nada! Nada! Trata-se é da vida e... da morte. Sim, a vida era uma coisa minha e agora ela se esvai, se esvai, sem que possa impedir. É isso, só isso? Por que me iludir? Não é patente a todos, menos a mim, que eu estou morrendo e que é apenas uma questão de semanas, de dias,

talvez agora mesmo? Havia luz na minha frente, mas agora só há trevas. Eu estava no mundo e vou abandoná-lo! Para onde irei?" Um arrepio percorreu-lhe o corpo, a respiração ficou suspensa e ele só ouvia as batidas do coração.

"Eu deixarei de existir, mas o que haverá depois? Nada. Então, onde estarei quando não mais existir? Será realmente a morte? Não, não quero morrer!" Soergueu-se, quis acender a vela, tateou-a no escuro com as mãos trêmulas, derrubou o castiçal, que caiu no chão, deixou-se tombar sobre os travesseiros. "Por quê? Tanto faz", e perscrutava a escuridão com os olhos arregalados. "A morte. Sim, a morte. E nenhum deles sabe nem quer saber e não tem dó de mim. Divertem-se!" (Atravessando a porta fechada, chegava a voz distante de uma canção e do seu acompanhamento.) "Para eles tanto faz, mas também irão morrer. Bestalhões! Primeiro vou eu, eles depois, mas passarão pelo mesmo que passei. E, agora, estão alegres... Animais!" A raiva sufocou-o, um peso imenso comprimia seu peito. "Não é possível que todos os homens estivessem condenados a sofrer um medo assim." E levantou-se da cama. "Qualquer coisa está errada. Tenho que me acalmar, tenho que pensar em tudo desde o princípio." E pôs-se a recapitular. "Sim, desde o início da doença. Bati com a ilharga, mas não senti grande coisa. Nem no dia, nem no outro. Depois doeu um pouquinho, e depois ainda mais. Consultei os médicos, veio o abatimento, a angústia, outros médicos e eu cada vez mais perto do abismo. As minhas forças diminuíram, fui chegando cada vez mais perto, mais perto, e agora estou liquidado, meus olhos estão baços. A morte está na minha frente e eu só penso no ceco. Penso em curar o ceco e é a morte que vem! Mas será mesmo a morte?" O pânico novamente se apoderou dele. Ofegante, abaixou-se, pôs-se a procurar os fósforos, bateu com o cotovelo na mesinha-de-cabeceira. Furioso com a dor que sentiu, atirou-se contra o móvel que a causara e derrubou-o. Sufocado, desesperado, caiu de costas, esperando morrer naquele instante.

No mesmo momento, as visitas se retiravam. Praskóvia Fiódorovna as acompanhava à porta. Ouviu o barulho e correu ao quarto.

— Que é que houve?

— Nada. Derrubei-a sem querer.

Ela saiu e voltou com uma vela. Ele estava estendido de costas, respirando com dificuldade, tal um homem que houvesse corrido muitos quilômetros sem parar. Cravou nela um olhar fixo.

— Que é que você tem, Jean?

— Não... não é... na... da. Derru... bei-a... — ("Para que falar? Jamais ela entenderia", pensou.)

Realmente ela não entendeu. Levantou a mesinha-de-cabeceira, apanhou a vela no chão, acendeu-a e saiu apressada, pois tinha que acompanhar outra visita à porta. Quando retornou, ele continuava deitado de costas, os olhos postos no teto.

— O que é que sente? Você está pior?

— Estou.

Ela balançou a cabeça e se sentou.

— Sabe duma coisa, Jean- Eu acho que seria bom a gente chamar o Lieclitchetchitzki.

Isso significava chamar o célebre especialista, sem olhar as despesas. Ele sorriu amargamente e respondeu:

"Não". Ela permaneceu sentada mais um pouco, depois levantou-se, aproximou-se dele e deu-lhe um beijo na testa.

Ele odiou-a com todas as forças da alma e, penosamente, refreou o ímpeto de empurrá-la.

— Boa noite. Queira Deus que você durma direito.

— Sim.

VI

Ivan Ilitch via que estava se finando e o desespero não o largava. No fundo da alma, sabia bem que ia morrendo, mas não só não se acostumava com a idéia, como não a compreendia mesmo — uma absoluta incapacidade de compreendê-la.

O exemplo de silogismo que aprendera no compêndio de lógica de Kiesewetter — "Caio é um homem, os homens são mortais, logo Caio é mortal" — sempre lhe parecera exato em relação a Caio, jamais em relação a ele. Que Caio, o homem abstrato, fosse mortal, era perfeitamente certo; ele, porém, não era Caio, não era um homem abstrato, era um ser completa e absolutamente distinto de todos os demais. Ele fora o pequeno Vánia, com sua mamãe e seu papai, com Mítia e Volódia, com os brinquedos, o cocheiro, a ama, depois com Kátienka e com todas as alegrias, tristezas e entusiasmos da infância, da adolescência e da mocidade. Porventura conheceu Caio o cheiro da pequena bola de couro listrado de que Vánia tanto gostava? Por acaso Caio beijava a mão da mãe como Vánia? Era para Caio que a seda do vestido da mãe fazia aquele

frufru? Fora Caio quem protestara, na escola, por causa dos pastéis? Tinha Caio amado como Vánia? Seria Caio capaz de presidir, como ele, uma audiência?

"Caio é de fato mortal e, portanto, é justo que morra, mas quanto a mim, o pequeno Vánia, Ivan Ilitch, com todos os meus sentimentos e minhas idéias, o caso é inteiramente Outro. É impossível que eu tenha de morrer. Seria demasiado horrível."

Era assim que ele sentia.

"Se eu tivesse de morrer como Caio, liaveria de sabê-lo muito bem. Minha intuição me diria. Mas jamais me disse coisa alguma. Eu e os meus amigos sabemos que nada temos de comum com Caio. E eis que a morte se apresenta!", pensava. "Não pode ser. Não pode, mas está aí! Como? Como poderá se entender uma loucura igual?"

Não conseguia entender e procurava afastar tal idéia — falsa, anormal, mórbida — valendo-se de outras sensatas e sadias. Mas aquela idéia, ou melhor, aquela realidade, voltava como para enfrentá-lo.

Para vencê-la procurava convocar uma série de outras, esperando encontrar nelas algum apoio. Tentou restabelecer uma velha corrente de pensamentos com que anteriormente escondia a idéia da morte. Mas, estranhamente, tudo quanto antes escondia, anulava, destruía a consciência da morte, já não surtia efeito. Ivan Ilitch passou, então, a consumir a maior parte do seu tempo nas tentativas de revigorar a primitiva corrente. Por vezes, dizia consigo mesmo:

"Vou de novo me dedicar ao dever. Antes ele era toda a minha vida". E ia para o tribunal, escorraçando todas as dúvidas e hesitações. Conversava com os colegas, sentava-se e, conforme antigo hábito, passava pela assistência um olhar distraído, apoiando as mãos emagrecidas nos braços da poltrona de carvalho. Depois virava-se ligeiramente para o assessor, empurrava-lhe uns autos, trocava em voz baixa algumas considerações funcionais e, bruscamente, levantando os olhos, reaprumava-se na poltrona, proferia as palavras de praxe e abria a sessão. De repente, no meio de um julgamento, a dor do lado, indiferente ao processo em curso, recomeçava a sua teimosa ação. Ivan Ilitch voltava a atenção para ela, tentava enxotar a idéia que ela sugeria, mas não o conseguia. A idéia voltava e estacava diante dele, e encarava-o, e ele ficava lívido, e o brilho se apagava em seus olhos, e novamente começava a se interrogar: "Será crível que somente ela seja verdade?" Os colegas e subalternos viam, espantados e desgostosos, que ele, um juiz brilhante e sutil, confundia-se, claudicava. Ele se mexia, esforçando-se para se dominar, levava de qualquer maneira a sessão até o fim e regressava a casa com a dolorosa certeza de que as suas funções de magistrado não

podiam mais esconder, como outrora, aquilo que não desejava ver, nem tinham méritos bastante para pô-lo a salvo dela. E, o pior de tudo, ela obrigava-o a concentrar nela toda a sua atenção, não para agir contra ela, mas tão-somente para vê-la frente a frente, incapaz, sofrendo indescritivelmente.

E, para escapar a tal opressão, Ivan Ilitch buscava outras consolações, outros tapumes, atrás dos quais conseguisse se resguardar; mas pouco duravam, desmoronando-se ou se tornando transparentes e assim permitindo que ela os atravessasse e nada pudesse encobri-la.

Nos últimos tempos, se entrava na sala de visitas, que ele próprio decorara — a mesma em que sofrera a queda, e pela qual, pensava agora com amarga ironia, sacrificara a vida, pois sabia que os seus males começaram com aquela pancada — se entrava, procurava ver se a mesa envernizada estava arranhada. Se estava, investigava a causa e constatava que fora o enfeite de bronze de um álbum. Pegava o rico álbum, que ele mesmo amorosamente organizara e ficava indignado com o desmazelo da filha e das amigas dela, pois ora havia rasgões, ora os retratos estavam colocados de cabeça para baixo. Punha tudo cuidadosamente em ordem e endireitava as cantoneiras de bronze.

Acudia-lhe a idéia de dar um outro arranjo à sala, colocando a mesa com os álbuns num canto, perto das plantas.

Chamava um criado, mas a mulher ou a filha se antecipava; não concordavam, discutiam, a mulher lhe dizia coisas, e ele se zangava. Mas tudo estava bem, pois se esquecia dela, não a estava vendo.

Certo dia, quando estava sozinho remexendo alguns objetos, a mulher observou-o: “Deixe isso para os criados. Você pode se machucar novamente”. E eis que ela atravessa o tapume e ele a vê. Era apenas uma visão e Ivan Ilitch tinha esperança que ela logo desaparecesse, mas, involuntariamente, apalpou o lado doente — a dor continuava lá a verrumá-lo. já não podia esquecê-la e ela, evidentemente, o estava espiando por trás das plantas. Por quê?

“Será que, perto daquela cortina, eu perdi realmente a vida como num assalto a uma fortaleza? Será mesmo? Como é terrível e estúpido! Não pode ser. Não pode ser, mas é.”

Ia para o escritório, deitava-se e novamente ficava a sós com ela. Cara a cara e sem nada poder fazer, salvo encará-la, enquanto o coração gelava-se no peito.

VII

É impraticável dizer como se dera aquilo, pois viera passo a passo, imperceptivelmente. Mas no terceiro mês da doença aconteceu que a mulher, a filha, o filho, os colegas e conhecidos, os médicos, os criados e, sobretudo, o próprio Ivan Ilitch se inteiraram de que todo o interesse que ele podia despertar nos outros consistia em saber quando abriria uma vaga, quando descansariam os vivos da angústia que causava a sua presença, e quando ele mesmo iria se livrar dos seus padecimentos.

Dormia cada vez menos. Davam-lhe ópio por via oral e injeções hipodérmicas de morfina, sem que o aliviassem.

A vaga angústia que sentia na sonolência trouxe-lhe a principio um certo relaxamento, mas apenas como novidade, pois logo se tornou tão penosa quanto a dor pura e simples, talvez até mais.

De acordo com a determinação médica, tinha uma alimentação especial, que cada dia se tornava para ele mais insossa e nauseante.

Para as suas excreções havia também providências especiais que as tornavam em verdadeiro suplício, pela inconveniência do ato, pela sujeira, pelo mau cheiro e pela humilhante e obrigatória ajuda de uma pessoa.

Mas foi exatamente graças a tão penosa circunstância que Ivan Ilitch experimentou um dado consolo. Quem sempre vinha limpar o vaso era o camareiro Guerássim.

Tratava-se de um jovem mujique, asseado e saudável, que engordara um pouco com a comida da cidade, se mostrava sempre bem-humorado. No começo, Ivan Ilitch ficara constrangido com a presença daquele homem limpo, na sua branca roupa de camponês, desempenhando um serviço tão nojento.

Um dia, quando se levantou do vaso, não teve forças para suspender as calças, deixou-se cair numa poltrona e ficou horrorizado olhando para as coxas nuas, bambas, descarnadas, cujos músculos desenhavam-se nitidamente sob a pele. Foi nesse instante que entrou Guerássim, num passo ligeiro e firme, com suas grossas botas, que espalhavam ao redor um cheiro bom de alcatrão e uma frescura de inverno. Trazia um avental listrado, uma camisa muito branca, de algodão, e as mangas arregaçadas mostravam um par de braços jovens e sólidos. Aproximou-se da cadeira furada na qual se encaixava o vaso, sem olhar para o amo enfermo, a fim de não ofendê-lo com a alegria de viver que ostentava no rosto.

— Guerássim — chamou fracamente Ivan Ilitch.

O rapaz estremeceu, visivelmente temeroso de que houvesse cometido algum descuido, e rapidamente volveu o rosto fresco, bondoso, simples e quase imberbe.

— Que deseja, senhor?

— Deve ser muito desagradável para você. Desculpe-me. Mas eu não posso me limpar.

— Que desagradável coisa nenhuma — Os olhos de Guerássim cintilaram e ele mostrou a dentadura alvíssima:

— O senhor está doente, não está? Portanto não e mais do que a minha obrigação.

E, com as mãos ágeis; e rudes, desempenhou a tarefa, saindo logo depois com o vaso. Não demorou muito a voltar e encontrou o amo ainda sentado na poltrona.

— Venha cá, Guerássim, — disse Ivan Ilitch, depois que o outro recolocou o vaso lavado na cadeira furada. Ajude-me por favor.

Guerássim acercou-se.

— Levante-me. Sozinho, é muito difícil para mim, eu mandei o Dmítri embora.

Guerássim segurou-o com seus braços fortes, suspendeu-o cuidadosamente, e, sustentando-o num braço só, com a outra mão levantou-lhe as calças. Ia sentá-lo novamente, quando Ivan Ilitch pediu que o levasse para o divã.

Sem esforço, amparando-o suavemente, Guerássim carregou o doente para o divã, onde o deixou.

— Muito obrigado. Como você faz tudo com facilidade. E faz bem!

Guerássim esboçou um sorriso e virou-se para ir embora. Mas Ivan Ilitch sentia-se tão bem com ele que quis retê-lo.

— Outra coisa, por favor. Chegue esta cadeira para junto de mim. Não, a outra. Ponha as minhas pernas em cima dela. Sinto-me melhor com os pés mais altos.

Guerássim trouxe a cadeira, pousou-a no chão sem fazer barulho e, delicadamente, colocou as pernas de Ivan Ilitch sobre a cadeira. O doente teve uma sensação de alívio, quando Guerássim levantou-lhe os pés.

— Sinto-me muito melhor quando meus pés estão mais alteados — disse, — Ponha mais uma almofada.

Guerássim obedeceu. Levantou novamente as pernas do amo, ajeitou a almofada, deixou-as repousar cautelosamente. Outra vez, Ivan

Ilitch sentiu-se melhor, quando lhe suspendiam as pernas e, quando Guerássim as largou, teve a impressão de que piorava.

— Guerássim, você estava ocupado?

— Nem um pouco, senhor — respondeu Guerássim, que aprendera com a gente da cidade a falar com os patrões.

— Que é que você tem ainda a fazer?

— O que tenho a fazer, senhor? já fiz tudo. Só falta picar um pouco de lenha para amanhã.

— Se é assim, fique segurando um pouco meus pés no alto... Pode ser?

— Como não?

Guerássim manteve mais altas a- pernas do amo e Ivan Ilitch achou que em tal posição não sentia dor nenhuma.

— E a lenha, como vai ser?

— Não se preocupe, senhor. Eu arranjarei tempo.

Ivan Ilitch ordenou a Guerássim que se sentasse, segurando-lhe as pernas, e puxou conversa com ele. E, curioso, tinha impressão de que passava sensivelmente melhor enquanto Guerássim sustinha no alto as suas pernas.

Desde aí, Ivan Ilitch costumava chamar Guerássim, obrigando-o a manter seus pés sobre os ombros — ficando de prosa com ele. Guérassim prestava-se a isso de bom grado, com tanta singeleza e bondade que Ivan Ilitch ficava comovido. A saúde, a força, a vitalidade de outros ofendiam Ivan Ilitch, mas o vigor e a energia de Guerássim, longe de mortificá-lo, acalmavam-no.

O que mais fazia Ivan Ilitch sofrer era a mentira, aquela mentira aceita por todos, não sabia por quê, de que ele se encontrava apenas doente e não moribundo, e que seria suficiente repousar e seguir à risca o tratamento para arribar.

E, no entanto, sabia perfeitamente que, por mais coisas que fizesse, tudo seria inútil e os sofrimentos se prolongariam, ainda mais cruéis, até a morte. E a mentira o atormentava pelo fato de não quererem admitir uma coisa que todos viam claramente, inclusive ele e, descaradamente mentindo, o obrigassem a participar daquela farsa. Aquela mentira, que lhe era pregada nas portas da morte, aquela mentira que rebaixava o solene e terrível desenlace ao nível das suas visitas, das suas cortinas, do esturjão que comera no jantar, era horrivelmente dolorosa para Ivan Ilitch. E, coisa estranha, quando eles à sua volta começavam com tais

fingimentos, mil vezes teve vontade de desmascará-los: "Chega de embustes! Vocês sabem, tão bem quanto eu, que estou morrendo! Não quero mais ouvir mentiras!" Mas nunca teve ânimo de fazê-lo. o monstruoso, o horrendo ato da morte — bem o via — era por todos rebaixado ao nível de um incidente fortuito, desagradável, quase inconveniente (mais ou menos como se trata alguém que entrasse numa sala, tresandando a catinga), e tudo era praticado em nome daquela decência, que ele tanto defendera durante toda a vida. Via que ninguém tinha piedade dele, porque ninguém tentava sequer compreender a sua situação. Somente Guerássim compreendeu-o e compadeceu-se. E era por isso que Ivan Ilitch só se sentia bem na companhia dele. Mostrava-se aliviado quando Guerássim segurava-lhe as pernas, às vezes por uma noite inteira, e se recusava a ir para a cama:

"Não se incomode por minha causa, Ivan Ilitch, Eu darei um jeito de dormir"; ou quando, subitamente passando à intimidade e tratando-o por "tu", acrescentava: "Se não estivesses doente, seria outra conversa; mas, no estado em que estás, por que não te ajudar um Pouco?" Guerássim era o único que não mentia e tudo indicava que também era o único a compreender plenamente o que se passava e não considerava necessário ocultá-lo, singelamente condoía-se do patrão tão fraco e esquelético. Uma vez até, disse com toda a franqueza, quando Ivan Ilitch mandou que ele fosse descansar: "Todos nós temos de morrer um dia. Por que não me sacrificar um pouco agora?", e com tais palavras queria explicar que não considerava pesado o seu trabalho, justamente por ser feito para um moribundo, e confiava que merecesse o mesmo quando chegasse a sua vez.

Além daquela mentira, ou resultante dela, o que também atormentava Ivan Ilitch era que ninguém o lastimasse conforme gostaria de ser lastimado. Momentos havia, depois de demorados sofrimentos, em que queria acima de tudo, por mais que se envergonhasse de confessá-lo, ver-se tratado como se fosse uma criança doente. Queria ser acarinhado, mimado, beijado, tal como se faz com as crianças. Sabia que era um juiz importante, dono já de uma barba grisalha e que por isso mesmo o que ambicionava era impossível, mas ainda assim ambicionava. E no comportamento de Guerássim para com ele havia qualquer coisa próxima daquilo que queria e de tal forma sentia-se um pouco confortado. Ivan Ilitch queria chorar, queria ser acariciado e consolado, mas quando chegava o seu colega Chebek, em vez de lágrimas e enternecimentos, Ivan Ilitch punha no rosto uma máscara de seriedade, dignidade e profundeza e, pela força do hábito, trocava opiniões sobre determinado acórdão da Corte de Apelação e obstinadamente defendia seu ponto de vista. A falsidade à sua volta e dentro dele envenenou mais do que tudo os seus

derradeiros dias.

VIII

Era de manhã. Ele sabia que era de manhã unicamente porque Guerássim se fora e o criado Piotr viera apagar as velas, levantar as cortinas e silenciosamente começar a arrumação do quarto. Fosse manhã ou noite, sexta-feira ou domingo, não havia diferença, tudo era igual para Ivan Ilitch: a dor surda, implacável, incessante; a sensação de que a vida não parava de fugir; a certeza de que a odiosa e temida morte se aproximava como a única realidade; e sempre a mesma mentira. Que importância tinham, portanto, as semanas, os dias, as horas?

— O senhor quer que sirva o chá?

"Ele é ordeiro e acha que os patrões precisam tomar chá de manhã", pensou Ivan Ilitch, e respondeu apenas:

— Não.

— O senhor não quer passar para o divã?

"Ele precisa arrumar o quarto, mas eu o atrapalho. Sou a sujeira e a desordem", pensou, e disse somente:

— Não, deixe-me aqui.

O criado continuou nos arranjos. Ivan Ilitch estendeu a mão. Piotr acercou-se, solícito:

— Que deseja o senhor?

— Meu relógio.

Piotr apanhou o relógio, que se encontrava bem à mão de Ivan Ilitch, e entregou-o ao amo.

— Oito e meia. Já se levantaram?

— Ainda não, senhor, a não ser Vassílli Ivánovitch era o filho —, que foi para o colégio. Mas Praskóvia Fiódorovna deu ordem para que a acordassem se o senhor a chamasse, quer que eu a acorde?

— Não. Não é preciso. — "Talvez fosse bom eu tomar um chá", pensou. E pediu: — Bem, traga-me o chá.

Piotr encaminhou-se para a porta. Ivan Ilitch teve medo de ficar só. "Como retê-lo? Ah, o remédio!"

— Piotr, me dê a poção. — E pensou: "Por que não? Talvez me faça bem."

Tomou uma colher cheia. "Não. Não adianta nada. Tudo é bobagem, tapeação", e o gosto enjoado, desesperante, que tão bem conhecia. "Não. Não acredito em mais nada! Mas por que aquela dor? Que bom se ao menos parasse um pouquinho." E gemeu. Piotr virou-se.

— Não vá embora. Traga-me o chá.

Piotr foi buscá-lo. Só, Ivan Ilitch gemia, não tanto da dor, por mais insuportável que fosse, mas de aflição. "E sempre a mesma coisa, a mesma, por dias e noites intermináveis. Se ao menos viesse mais depressa... Mais depressa o quê? A morte, a treva? Não, não! Tudo, menos a morte!"

Quando Piotr voltou com a bandeja do chá, Ivan Ilitch olhou-o longamente, perplexo, sem compreender quem era ele e o que fazia ali. Piotr ficou perturbado com aquele olhar e Ivan Ilitch se recompôs.

— Ah, o chá... Muito bem, ponha-o aqui. Mas me ajude primeiro a me lavar e me arranje uma camisa limpa.

E Ivan Ilitch começou a se lavar. Fazendo inúmeras pausas, lavou as mãos e o rosto, escovou os dentes, penteou os cabelos e mirou-se no espelho. Assustou-se ao ver a sua imagem, principalmente os cabelos escorrendo, lisos, na testa lívida.

Ao mudar a camisa, não tinha dúvida de que ainda ficaria mais assustado ao ver o seu corpo, e desviou o olhar do espelho. Afinal, se aprontou. Pusera o roupão, cobrira-se com a manta e sentara-se na poltrona para tomar o chá. Por um momento, sentiu-se refrescado, mas, mal começou a tomar o chá, sentiu voltar o mesmo gosto e a mesma dor. Foi com grande esforço que acabou de tomá-lo. Deitou-se depois, estendendo as pernas, e dispensou Piotr.

A coisa não mudava. Se brilhava um raio de esperança, logo vinha um tempestuoso mar de desespero e sempre aquela dor, sempre aquela agonia invariavelmente. Sozinho, sente uma aflição tremenda, tem vontade de chamar alguém, mas sabe de antemão que se viessem ainda seria pior. "Mais uma dose de morfina seria bom para me tontear, esquecer tudo. Vou pedir ao médico que me arranje qualquer coisa. É impossível, impossível continuar deste jeito."

Uma, duas horas se escoam assim. Eis que a campainha toca. "Será o médico?" É. Chega fresco, gordo, jovial, com o ar de quem diz: "Estão se assustando à toa. Num minutinho vou botar tudo nos eixos". Sabe perfeitamente que tal ar não tem o menor cabimento ali, mas fixou-o à sua indumentária e não pode dispensá-lo, assim como um homem que vestiu de manhã o seu fraque para fazer visitas.

Esfrega as mãos, decidido e tranqüilizador:

— Que frio! Está nevando que não é brincadeira! Deixe-me esquentar-me um pouco! — diz como se bastasse ele se reaquecer para resolver tudo.

— Muito bem. Como vai?

Ivan Ilitch tem a nítida impressão de que o médico gostaria de dizer: "Como vão os negócios?" Como isso, porém, não tem propósito ali, diz:

— Como passou a noite?

Ivan Ilitch olha o médico, como a perguntar: "Será crível que você não tenha vergonha de mentir?" Mas o médico não quer saber de tal pergunta e Ivan Ilitch se queixa:

— Tão mal como ontem. A dor não cessa. Se fosse possível fazer alguma coisa para atenuá-la...

"Todos os doentes são a mesma coisa... Bem, agora já estou com as mãos quentes. Até Praskóvia Fiódorovna, que é tão exigente em matéria de mãos frias, nada teria a dizer das minhas. Posso já cumprimentá-lo." E o médico aperta a mão do paciente.

E, aí, opera-se nele uma transformação. Não é mais o cavalheiro jovial. Põe-se circunspecto e começa a examinar o enfermo. Toma-lhe o pulso e a temperatura, ausculta-o, faz a percussão.

Ivan Ilitch sabe perfeitamente que tudo aquilo é bobagem, mentira sem sentido. Mas quando o médico se ajoelha e se inclina Sobre ele, encostando o ouvido aqui e ali, executando, com o ar mais sério, uma série de movimentos de ginástica, Ivan Ilitch submete-se a tudo, tal como se entregava aos discursos dos advogados, ciente muito bem de que todos mentiam e não ignorando por que mentiam.

O médico, vergado sobre o divã, continuava a examiná-lo, quando o ruge-ruge do vestido de seda de Praskóvia Fiódorovna anunciou a entrada dela no quarto.

Imediatamente, ela ralhou com Piotr por não lhe ter comunicado a chegada do doutor. Beija depois o marido, e começa a provar que já se levantara há muito tempo e que somente devido à falta do criado não se encontrava ali quando o doutor chegara.

Ivan Ilitch olha-a de alto a baixo, censurando intimamente a brancura e a maciez da pele, o brilho dos cabelos, o fulgor dos olhos vivazes. Odeia-a com todas as fibras do coração. E o seu contato provoca nele um assomo de raiva que lhe aumenta o sofrimento.

A atitude dela, em relação a Ivan Ilitch e à doença dele, não se modificou. Da mesma maneira que o clínico estabelecera para com os seus clientes uma linha de conduta, da qual não podia se afastar, ela também traçara uma — a de dizer que Ivan Ilitch fazia tudo ao contrário do que devia ser feito, sendo, portanto, passível de censura, e ela, em tom amigável, não deixava de censurá-lo. E de tal linha não recuava um pé.

— Ele não obedece a ninguém, doutor! Não toma a medicação nas horas certas. E, sobretudo, fica numa posição que positivamente não pode lhe fazer bem: de pernas para cima.

E contou que ele obrigava Guerássim a ficar mantendo-lhe as pernas suspensas. O médico teve um sorriso de afável superioridade, que parecia traduzir: "Que vamos fazer! Os doentes têm a mania de inventar uma infinidade de asneiras. Mas devemos desculpá-los".

Terminado o exame, o doutor consultou o seu relógio e então Praskóvia Fiódorovna comunicou a Ivan Ilitch que, quer ele fizesse cara feia ou não, já mandara chamar certo famoso especialista para unia conferência com Mikhail Damílovitch (o médico da família).

— É favor não pôr objeções. Faço isso por mim mesma — disse com ironia, dando a entender que fazia tudo pelo esposo, o que não deixava a ele o direito de recusar.

Ele não abriu o bico, limitando-se a franzir as sobrancelhas. Sentia que a fraude tecera em volta dele um tal emaranhado que já era impraticável ver claro.

Tudo quanto Praskóvia Fiódorovna fazia por ele era unicamente visando ao seu próprio interesse; mas, ao afirmar, frisando-o bem, que o fazia por si mesma, cuidava que ele tivesse a obrigação de compreendê-la ao contrário.

Realmente, às onze e meia chegou o famoso especialista. Recomeçaram as auscultações e percussões entremeadas de considerações científicas, ora na presença do enfermo, ora no aposento contíguo, sobre o rim e o ceco, que não funcionavam corretamente. E foi uma chuva de perguntas e respostas, em tom solene, em que a questão da vida ou da morte de Ivan Ilitch não interessava absolutamente nada — o que importava exclusivamente era a questão de o rim e o ceco se comportarem rebeldemente, mas que o célebre facultativo e Mikhail Damílovitch prometiam colocar no bom caminho.

O famoso especialista despediu-se com ar grave, mas não desencorajador. E, quando Ivan Ilitch perguntou-lhe timidamente, os olhos brilhando de temor e esperança, se havia qualquer possibilidade de cura, respondeu que não poderia garantir, mas que sempre havia uma

probabilidade.

O olhar esperançoso com que Ivan Ilitch acompanhou o médico até a porta era tão patético que Praskóvia Fiódorovria não pôde conter as lágrimas ao pagar os honorários da celebridade no escritório.

Pouco durou a confiança inspirada pelas palavras do especialista. Novamente o mesmo quarto, o mesmo papel de parede, os mesmos quadros, cortinas, vidros de remédios, o mesmo corpo sofredor. E Ivan Ilitch começou a gemer. Aplicaram-lhe uma injeção de morfina e ele tombou num estado de torpor.

Quando tornou a si, já escurecia. Serviram-lhe o jantar.

Com dificuldade engoliu o caldo. E novamente a noite sempre igual.

Após o jantar, às sete horas, Praskóvia Fiódorovna entrou no quarto em vestido de noite, o cheio busto comprimido num espartilho, o rosto empoado. Pela manhã avisara-o de que tinham de ir ao teatro. Sarah Bernhardt apresentava-se na cidade e eles haviam comprado um camarote por insistência do próprio Ivan Ilitch. Ele se esquecera e o vestido de gala da mulher ofendeu-o, porém escondeu o amargor ao lembrar que a iniciativa da reserva do camarote partira dele mesmo, achando que seria um espetáculo estético e educativo para os filhos.

Praskóvia apareceu muito satisfeita, mas ao mesmo tempo com um certo quê de culpa. Sentou-se um instante e indagou do seu estado, mas, segundo ele percebeu, apenas por formalidade, pois sabia plenamente que ele continuava na cama. E logo entrou a falar naquilo que de fato queria: que de nenhum modo pretendia ir, mas que o camarote já estava comprado, que iriam também Helena, Lisanka e Pietrichtchov (o juiz de instrução, pretendente da filha) e que não ficaria bonito deixá-los ir sozinhos; que para ela seria muito mais agradável ficar ao lado dele; e que não se esquecesse de seguir, na sua ausência, as prescrições do médico.

— Ah, uma coisa, Fiódor Pietrichtchov — o pretendente — gostaria de vê-lo. E Lisa também. Podem?

— Está bem.

A filha veio, elegantemente vestida, decotada, exibindo o corpo. Era forte, sadia, visivelmente apaixonada, e irritada com a doença, os padecimentos e a perspectiva da morte, porque perturbavam a sua felicidade. Fiódor Pietrichtchov entrou em seguida, de traje a rigor, cabelo frisado à la Capout o pescoço de veias salientes entalado num alto colarinho branco, um largo peitilho também engomado, as calças pretas muito justas nas pernas musculosas, luvas brancas numa das mãos e, na outra, a claque. Atrás dele, escondia-se o colegial, metido num uniforme

novo em folha, pobrezinho, de luvas, as olheiras arroxeadas, cuja significação Ivan Ilitch sabia muito bem.

O filho sempre lhe parecera lastimável. E era atroz ver agora o olhar dele, assustado e compadecido. Parecia a Ivan Ilitch que, além de Guerássim, o menino era a única Pessoa que o compreendia e tinha pena dele.

Todos se sentaram e perguntaram como ia. Depois, um silêncio. Lisa interrogou a mãe sobre o binóculo. Houve um breve bate-boca entre mãe e filha, que se acusavam mutuamente de tê-lo perdido, o que gerou um sensível mal-estar.

Fiódor Pietrichtchov perguntou a Ivan Ilitch se ele já vira Sarah Bernhardt. No primeiro momento Ivan Ilitch não compreendeu a pergunta, mas depois respondeu:

— Não. E você já viu?

— Sim. já vi. Em AdtIenne Lecouvreur.

Praskóvia Fiódorovna referiu-se a alguns papéis que Sarah Bernhardt desempenhara magnificamente. A filha discordou. A conversa, então, recaiu sobre a elegância e o realismo que a atriz imprimia a certas cenas, e tomou o rumo de todas as conversas de tal natureza.

No meio da conversação, Fiódor Pietrichtchov deitou um olhar a Ivan Ilitch e calou-se. Os outros também olharam para o enfermo e ficaram silenciosos. Ivan Ilitch enfrentou-os com os olhos brilhando, visivelmente indignado. Era uma situação penosa — o silêncio tinha de ser quebrado. Mas ninguém se decidia, medrosos todos de que a convencional mentira ficasse evidente e que imperasse a dura realidade. Lisa tomou, afinal, a iniciativa, mas ao tentar ocultar o que todos sentiam traiu-se.

— Bem, já que temos de ir, está na hora — disse consultando o relógio, que fora presente do pai, e trocando com o jovem um imperceptível sorriso, cujo significado somente os dois sabiam.

E levantou-se num frufru de sedas. Todos a imitaram, deram as boas-noites e se foram.

Quando se viu só, Ivan Ilitch foi tomado por um breve alívio: a falsidade saíra com eles. Mas ficara a dor, a mesma dor e o mesmo pavor que tornavam tudo tão monotonamente semelhante.

Os minutos tornaram a seguir-se a outros muitos, as horas a outras horas, sempre na mesma toada, e o fim inevitável parecia cada vez mais próximo.

— Sim, mande cá o Guerássim — respondeu a uma pergunta de

Piotr.

IX

A mulher voltou tarde. Entrou nas pontas dos pés, ele ouviu. Abriu os olhos e logo fechou-os de novo. Ela quis mandar Guerássim embora e ficar junto dele. Ivan Ilitch abriu os olhos e disse:

— Não. Vá dormir.

— Está doendo muito?

— Como sempre.

— Tome um pouco de ópio.

Ele concordou e ingeriu a poção. A mulher saiu.

Até perto das três horas, permaneceu imerso num penoso entorpecimento. Parecia-lhe que o empurravam dolorosamente para dentro de um saco preto, estreito e fundo; forçam-no, mas não consegue passar pela boca do saco; está apavorado, porém, quer cair lá dentro, como para se livrar da terrível dor que sente; luta, luta, cooperando, e, de repente, o saco se rompe, ele cai e torna à realidade.

Guerássim permanece sentado no pé da cama, cochilando, calmo e paciente, enquanto ele está estendido de costas, os pés, magros, calçados de meias, se apóiam nos ombros do criado. A vela continuava a se queimar no castiçal. E a dor persistia.

— Pode ir dormir, Guerássim — sussurrou.

— Não estou cansado, senhor. Posso ficar mais um pouco.

— Não. Pode ir.

Tirou os pés da cômoda posição, deitou-se de lado sobre um braço e teve pena de si mesmo. Aguardou, apenas, que Guerássim deixasse o quarto para, incontidamente, desatar em pranto. Chorava a sua impotência, a sua terrível solidão, a crueldade dos homens, a crueldade de Deus, que o abandonava.

"Por que me reduziste a isto? Por que me trouxeste ao mundo? Com que fim me martirizas tanto?"

Não esperava resposta, e mais chorava porque não havia nem podia haver resposta. A dor fez-se mais aguda, mas não se mexeu, nem chamou ninguém. Ouvia uma voz dentro dele: "Está bem, continua!

Bate-me com mais força! Mas por que razão? O que foi que eu Te fiz? Por quê?"

Depois, sossegou, deixou de chorar, prendeu a respiração, ficou atentamente ouvindo a voz que vinha silenciosamente, a voz da sua alma, a torrente de pensamentos que dentro dele se acumulara.

"O que é que tu queres?", foi a primeira coisa que ouviu, claramente. "O que é que tu queres? O que é que tu queres?", repetiu. E respondeu: "O que eu quero é viver. Viver sem sofrer."

E novamente prestou atenção e tão concentradamente que nem a dor o desviava.

"Viver? Como?", perguntou a voz interior. "Ora, viver como sempre vivi. Bem, agradavelmente", respondeu. "Como viveste antes, bem e agradavelmente?", tornou a voz.

E ele começou a repassar na imaginação os melhores momentos da sua vida. Mas — coisa estranha! — tais momentos não lhe pareciam agora tão agradáveis como cuidava que fossem, salvo as primeiras recordações da infância.

Na meninice, sim, havia certas coisas verdadeiramente prazenteiras, que gostaria que se repetissem se pudesse viver outra vez. Mas aquele menino estava morto, era como a reminiscência de uma outra pessoa.

Quando entrou a repassar o período que gerara o atual Ivan Ilitch, tudo o que lhe parecera ser alegria se desmoronava ante seus olhos, reduzindo-se a algo desprezível e vil.

E quanto mais longe da infância e mais perto do presente, tanto mais as alegrias que vivera lhe pareciam insignificantes e vazias. A começar pela faculdade de direito. Nela conhecera alguns momentos realmente bons: o contentamento, a amizade, as esperanças. Nos últimos anos, porém, tais momentos já se tornavam raros. Depois, no tempo do seu primeiro emprego, junto ao governador, gozara alguns belos momentos: amara uma mulher. Em seguida tudo se embrulhou e bem poucas eram as coisas boas. Para adiante, ainda menos. E, quanto mais avançava, mais escassas se faziam elas. Veio o casamento, um mero acidente e, com ele, a desilusão, o mau hálito da esposa, a sensualidade e a hipocrisia. E a monótona vida burocrática, as aperturas de dinheiro, e assim um ano, dois, dez, vinte, perfeitamente idênticos. E, à medida que a existência corria, tornava-se mais oca, mais tola. "É como se eu estivesse descendo uma montanha, pensando que a galgava. Exatamente isso. Perante a opinião pública, eu subia, mas, na verdade, afundava. E agora cheguei ao fim — a sepultura me espera.

"Mas o que significa isso, afinal? Por quê? Impossível! A vida não pode ser assim tão sem sentido e nojenta! Mas, se ela foi tão nojenta e sem sentido, por que devo eu morrer e morrer sofrendo? Alguma coisa, positivamente, está errada!"

"Talvez eu não tenha vivido como deveria", acudiu-lhe de súbito. "Mas de que sorte, se eu sempre procedi como era preciso?" — e imediatamente afastou a única hipótese possível para o enigma da vida e da morte,

"E o que queres agora? Viver? Viver de que maneira? Viver como viveste no tribunal, quando o oficial de justiça anunciava: — Está aberta a sessão!"... "Está aberta a sessão!", repetiu. "O julgamento vai começar. Mas eu não sou culpado!", exclamou, indignado. "Por quê?"

E parou de chorar. Com o rosto voltado para a parede, pôs-se a martelar a mesma coisa: Por quê? Para que tal horror? Mas, por mais que repisasse a questão, não encontrava solução. E quando lhe vinha a idéia de que não vivera como deveria, o que amiudadamente acontecia, lembrava-se logo da correção da sua vida e repelia o insólito pensamento.

Mais uma quinzena se escoou. Ivan Ilitch já não deixava o divã. Não queria ficar na cama. E quase todo o tempo, com o rosto voltado para a parede, sofria solitário os mesmos insolúveis tormentos, martirizava-se com o mesmo insolúvel problema: "O que é isso? Será, realmente, a morte?" E a voz interior lhe respondia: "Sim, é a morte". "Mas para que tanto sofrimento?" E a voz tornava a responder: "Para nada. Além disso não há nada".

Desde a primeira consulta ao médico para ver o que tinha, a vida de Ivan Ilitch dividira-se em dois estados de espírito, opostos e alternados: ora desespero e expectativa de uma morte absurda e atroz, da qual nada o salvaria, ora esperança e acurada observação dos seus órgãos, que se recusavam a funcionar regularmente. E, quanto mais progredia a doença, mais ilusórias e fantásticas eram as suas esperanças no rim e no ceco, e mais real o sentimento da morte iminente.

Era suficiente comparar o que fora há três meses com o que era agora e, da simples constatação da derrocada, vinha a certeza de que se afastava de qualquer possibilidade de salvação.

Nos últimos tempos da sua solidão, solidão no meio de uma grande cidade, cercado por inúmeros amigos e parentes e que não poderia ser mais completa nem mesmo no fundo do mar ou nas entranhas da terra, na sua terrível solidão, Ivan Ilitch, com o rosto voltado para o encosto do divã, vivia somente das recordações do passado. Diante dele, um após outro, surgiam os acontecimentos antigos.

Começava sempre pelo mais próximo no tempo, ia depois se transportando para os mais remotos até que chegava à infância, onde parava. Se Ivan Ilitch pensava nas ameixas cozidas que lhe serviram naquele dia, vinham-lhe logo à memória as ameixas secas da sua infância, muito enrugadas, com um gosto todo especial e que provocavam uma abundante saliva quando mordido o caroço; e a lembrança desse gosto desencadeava uma seqüência de outras daquela época: a ama, o irmão, os seus brinquedos. "Não devo pensar em tais coisas. É triste demais", pensava, e voltava ao presente e, bem diante dos olhos, estavam o botão no encosto do divã e as pregas do marroquim. "O marroquim é caro e pouco durável e nós discutimos bastante a respeito. Mas houve um outro marroquim e uma outra discussão, quando rasgamos a pasta de meu pai, fomos castigados e mamãe nos trouxe bolos às escondidas." E novamente se detinha na infância, mas as lembranças lhe eram dolorosas e procurava afastá-las pensando em outra coisa.

Paralela a essa cadeia de recordações, perpassava em seu espírito uma outra, relacionada com a evolução e o agravamento da doença. Também aí, à medida que remontava no tempo, se via mais vivo. Havia mais bondade na existência e a vida, propriamente dita, era mais vida. O bem e a vida se fundiam. "Assim como a dor tem sido cada vez pior, também a minha vida fica cada vez pior", pensava. "Só um ponto luminoso, lá longe, no começo da vida. Depois tudo se torna negro, cada vez mais negro e mais rápido, na razão inversa do quadrado da distância da morte." E a imagem da pedra que rola com crescente velocidade calou-lhe na mente. A vida, uma série de sofrimentos crescentes, rolava cada vez mais veloz para o seu termo, para o último e mais terrível sofrimento. "Eu estou rolando..." SobressaltaVa-se, agitava-se, tentava lutar, mas já sabia que qualquer resistência era impossível e, de novo, com os olhos fatigados, mas incapazes de deixar de ver aquilo que estava diante deles, fixava o encosto do divã e aguardava a medonha queda, o choque, o aniquilamento.

"Não se pode resistir", pensou. "Se ao menos pudesse entender por quê? Mas também não posso. Talvez houvesse uma explicação, se se pudesse admitir que eu não vivi como deveria. Mas é absolutamente inadmissível", e se lembrava da honestidade, da correção, da decência de sua vida.

"Absolutamente inadmissível", repisava, sorrindo levemente, como se alguém pudesse ver o seu sorriso e se iludir com ele. "Não há explicação! Os sofrimentos, a morte... Para quê?"

Outras duas semanas transcorreram, no meio das quais ocorreu aquilo que Ivan Ilitch e a esposa tanto desejavam: Pietrichtchov fez um

pedido formal de casamento.

Foi de noite. No dia seguinte, Praskóvia Fiódorovna entrou no quarto do marido pensando na melhor maneira de lhe comunicar o acontecimento, mas deu-se que naquela noite se agravara o estado dele. Encontrou-o no divã, mas numa posição diferente: de costas e olhando fixamente para o alto.

Começou a lembrar-lhe os remédios; ele, porem, virou os olhos para ela, que não terminou a frase, tal o ódio que se lia naquele olhar, muito especialmente contra ela.

— Pelo amor de Jesus Cristo, deixe-me morrer em paz! — falou.

Ela ia se retirar, mas, no exato momento, entrou a filha para dar bom-dia. Olhou-a do mesmo jeito que olhara a mulher, e, como ela indagasse como ele ia, respondeu com secura que bem depressa todos ficariam livres dele. As mulheres ficaram mudas e, após se sentarem um pouco, saíram.

— Que culpa é a nossa? — disse Lisa à mãe. — Não fomos nós que inventamos a doença! Tenho pena de papai, mas por que razão ele nos atormenta assim?

Na hora costumeira, o médico veio. Ivan Ilitch respondia apenas "sim" e "não", sem tirar dele os olhos pesados de rancor. Por fim disse:

— O doutor está farto de saber que não pode fazer nada por mim. Então, me deixe quieto.

— Podemos aliviar os seus sofrimentos.

— Não podem, não. Deixem-me!

O médico foi para a sala de visitas e comunicou a Praskóvia Fiódorovna que as coisas iam mal e que só lhe restava o recurso do ópio para abrandar as dores, que seriam tremendas.

Não mentia o doutor, mas as dores morais de Ivan Ilitch eram infinitamente piores do que as físicas. Resultavam do fato de, naquela noite, ao contemplar o rosto de Guerássim, sonolento, bondoso, de maçãs salientes, acudira-lhe à mente a seguinte indagação: "E se toda a minha vida, a minha vida consciente, tivesse sido realmente errada?"

Ponderou que aquilo que antes acreditava ser totalmente impossível, isto é, não ter vivido como deveria, podia ser verdade. Considerou que as pequeninas tentativas que fizera, tentativas quase imperceptíveis e que logo sufocava, para lutar contra o que era considerado acertado pelas pessoas mais altamente instaladas na sociedade, podiam representar o lado autêntico das coisas, sendo falso

tudo o mais. E que os seus deveres profissionais, sua vida regrada, a ordem familiar e todos os interesses mundanos e oficiais, não passassem de grandes mentiras. Tentou defender tudo aquilo perante si mesmo e, de repente, atinou com a fragilidade da sua defesa. Não, não havia nada a defender.

"Mas, se assim é, estou eu saindo da vida com a plena consciência de ter destruído tudo o que me foi concedido e, se a perda é irreparável, que irei fazer?", pensou. E, deitado de costas, pôs-se a passar em revista a sua vida de maneira completamente diversa.

De manhã, quando apareceram sucessivamente o criado, a mulher, a filha e o médico, cada palavra, cada gesto deles era a confirmação da tremenda verdade que lhe fora revelada de noite. Reviu-se em cada um — sua existência fora precisamente o que era a deles. E viu de forma espantosamente clara que não passava ela dum imenso e horrendo embuste, que escondia a vida e a morte. Tal certeza intensificou, decuplicou os seus sofrimentos físicos. Gemia, remexia-se, empurrava as cobertas que o incomodavam, o abafavam. E odiava todos os que o cercavam.

Deram-lhe uma dose forte de ópio e ele adormeceu, mas, na hora do jantar, tudo recomeçou. Enxotou todos do quarto e entrou a se debater no divã.

Praskóvia Fiódorovna acercou-se dele e disse:

— Jean, meu querido, faça isto por mim. Não pode lhe fazer mal e até muitas vezes alivia. Mesmo as pessoas sas...

Ele arregalou os olhos:

— O quê? A extrema-unção? Para quê? Não, não é preciso. Todavia...

Ela rompeu em pranto.

— Faz, meu querido? Eu vou mandar chamar o nosso padre. Ele é tão bom!

— Está bem. Mande.

Veio o padre e ouviu a confissão. Ivan Ilitch relaxou-se, sentiu como que um atenuamento das suas dúvidas e, conseqüentemente, dos seus sofrimentos. Baixou sobre ele um pequenino raio de esperança e entrou a pensar no ceco e nos meios de curá-lo. Comungou com os olhos cheios de lágrimas.

Quando de novo o deitaram, após a comunhão, mostrou-se aliviado por uns instantes e reacendeu-se nele a pequena chama da

esperança. Começou a pensar na operação que lhe haviam aconselhado. "Viver! Eu quero viver!", gritava intimamente.

A mulher veio felicitá-lo, disse as costumeiras palavras e acrescentou:

— Está se sentindo melhor, não está?

— Sim — confirmou ele, sem olhá-la.

Seu vestido, seu porte, sua fisionomia, o tom da sua voz, tudo lhe dizia: "Não é nada disto. Tudo aquilo pelo que você viveu, e ainda vive, é falsidade, empulhação, que esconde de você a vida e a morte". E, apenas pensou isso, reanimou-se nele o seu ódio e, com o ódio, os sofrimentos físicos e, a par deles, a certeza do fim próximo e inevitável. E uma nova sensação de dor verrumava-o, transpassava-o, sufocava-o.

A expressão do seu rosto, quando disse "Sim", fora atroz. Depois de ter proferido o "Sim", fixou duramente a mulher e, com uma rapidez incomum para o seu depauperamento, virou-se de bruços, afundou o rosto no travesseiro e berrou:

— Vão embora! Vão embora! Deixem-me em paz!

X

A partir daquele momento, começaram os gritos, que se prolongaram por três dias, e tão horríveis que não se podia ouvi-los, mesmo através de duas portas fechadas, sem que os nervos não se abalassem. No mesmo instante em que respondera à mulher compreendera que estava liquidado, que chegara ao irremediável fim, mas que as suas dúvidas permaneciam sem resposta.

"Ai! Ai! Ai!", gritava em diferentes tons. Começara por um "Não quero!" e continuara naquele "Ai! Ai! Ai!", sem interrupção.

Durante três dias inteiros, nos quais o tempo deixou de existir para ele, debateu-se contra aquele saco negro, para dentro do qual era empurrado por uma força invisível e irresistível. Debatia-se como um condenado à morte nas mãos do carrasco, sabendo que não poderia escapar. E a cada segundo percebia que, não obstante seus desesperados esforços, mais se aproximava daquilo que o atemorizava. Sentiu que a sua agonia era devida à penetração no saco negro e ainda mais pelo fato de não poder escorregar logo para dentro dele. E o que o impedia de entrar era a convicção de que a sua existência tinha sido boa. E tal justificativa o

retinha, impedia de ir para a frente, e o torturava mais que tudo.

Súbito, uma força desconhecida vibrou no lado do seu peito um violento golpe, que lhe cortou a respiração, e ele entrou no saco e, lá bem no fundo, viu brilhar uma luz. Experimentou, então, o que antes já experimentara num trem — quando pensava que estava andando para a frente, e o trem recuava, bruscamente verificara a verdadeira direção da marcha.

"Sim, era tudo outra fazer coisa", pensou. "Mas não tem importância. Pode-se ainda aquilo. Mas aquilo o quê?", perguntou, e de repente ficou sereno.

Isso foi no terceiro dia, poucas horas antes da sua morte. E, precisamente nesse momento, o menino entrou no quarto sem fazer ruído e acercou-se do leito. O moribundo não parava de berrar desesperadamente agitando os braços.

Sua mão encontrou a cabeça do filho e o menino agarrou-a, apertou-a contra os lábios e desatou a chorar. Justamente aí, Ivan Ilitch caía no fundo do saco, divisava a luz e percebia que a sua vida não fora o que deveria ter sido, mas ainda podia ser reparada. Perguntou a si mesmo:

"O que é aquilo?" E ficou silencioso, atento. Sentiu, então, que alguém lhe beijava a mão. Abriu os olhos, viu o filho e teve pena dele. A mulher se aproximou. Olhou-a. Ela também o olhava, com a boca aberta, numa expressão de desespero, as lágrimas escorrendo pelo nariz e pelas faces. Teve pena dela também.

"Sim, estou a atormentá-los", pensou. "Eles lamentarão, mas estarão melhor quando eu tiver morrido." Quis dizer o que sentia, porém não teve força. "Aliás, para que falar? Devo é agir", pensou. Com um olhar à mulher, indicou o filho e falou: Leve-o daqui... Tenho pena dele... E de você também... Tentou acrescentar: "Perdoe-me", mas disse: — Passe bem — e, não tendo mais força para corrigir o lapso, esboçou um gesto com a mão, sabendo que Aquele a quem se entregava devia compreendê-lo.

E, de repente, percebeu com nitidez que aquilo que o atormentara e o oprimia se ia dissipando, escoando para fora do seu corpo por todos os lados ao mesmo tempo.

"Ivan Ilitch tem piedade deles, não deve mais fazê-los sofrer. É preciso libertá-los e libertar ele próprio de tais tormentos. Como é bom, como é simples", pensou. "E a dor?", perguntou em seu íntimo. "Que fim levou? Onde estás, minha dor?" E prestou atenção. "Ah, ei-la! E daí? É deixá-la doer. E a morte? Onde está?" Procurou o seu habitual medo da morte e não o encontrou. "Onde ela está? Que morte?"

Não tinha mais medo, porque também a Morte desaparecera de sua frente. Em lugar dela, via luz. "Então é isso!", exclamou de repente em voz alta. "Que alegria!"

Foi tudo isso obra de um instante, e a significação desse instante não se modificou mais. Para os que o cercavam, porém, a sua agonia ainda durou duas horas. Seu peito estertorava, o corpo, esquelético, estremecia. Pouco a pouco os estertores e tremores foram rareando.

— Acabou! — disse alguém perto dele.

Ele ouviu a palavra e repetiu-a na alma. "Acabou a morte. A Morte já não mais existe!", ainda pensou. Aspirou profundamente, deteve-se a meio, inteiriçou-se e morreu.